



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS**

GABRIELA DA SILVA LIMA VIANA

**O TABU IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA
ANÁLISE DE EXPRESSÕES EM ALTO ALEGRE DO MARANHÃO (MARANHÃO)**

**BACABAL – MA
2025**

GABRIELA DA SILVA LIMA VIANA

**O TABU IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA
ANÁLISE DE EXPRESSÕES EM ALTO ALEGRE DO MARANHÃO (MARANHÃO)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBa, como requisito obrigatório para o título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.º Dr.º Luís Henrique Serra

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Viana, Gabriela da Silva Lima Viana.

O TABU IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE AS PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA: UMA ANÁLISE DE EXPRESSÕES EM ALTO ALEGRE DO
MARANHÃO MARANHÃO / Gabriela da Silva Lima Viana Viana. -
2025.

94 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Português,
Universidade Federal do Maranhão, Bacabal - Ma, 2025.

1. Pessoa Com Deficiência. 2. Léxico. 3. Tabu. 4.
Alto Alegre- Ma. I. Serra, Luís Henrique Serra. II.
Título.

GABRIELA DA SILVA LIMA VIANA

**O TABU IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA
ANÁLISE DE EXPRESSÕES EM ALTO ALEGRE DO MARANHÃO (MARANHÃO).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBa, como requisito obrigatório para o título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof.º Dr.º Luís Henrique Serra

BANCA EXAMINADORA

Luís Henrique Serra – UFMA
(Presidente e orientador)

Theciana Silva Silveira – DELER/UFMA
(Examinadora Externa)

Lanna Caroline Silva de Almeida – UFMA
(Examinadora Interna)

Dedico este trabalho as mulheres da minha vida, em especial, minha vó que já partiu e não pôde presenciar esse momento tão sonhado.

AGRADECIMENTOS

Assim como Deus esclarece que existe um tempo predestinado debaixo do céu para que tudo se realize. Eu acredito que o meu tempo foi com base nas vontades de Deus, que as lutas, os desafios, os choros que tive durante essa trajetória foram necessários para meu crescimento e amadurecimento. Para entender que mesmo estando no olho do furacão, Deus nos encoraja e nos dar forças sobrenaturais para encarar e vencer a ventania.

Deus me colocou no meio da tempestade para me mostrar que sou capaz de passar por ela. Sobrevivi todas as noites, depois de um dia árduo e difícil. Os quais tive que trabalhar com o corpo e a mente, encarar os perigos da vida e até mesmo os que se apresentavam sobre mim como, a ansiedade, a exaustão, o sono, as dores. e todos estes sobrevivi com a ajuda de Deus.

Em 2021 ingressei nessa jornada, com uma dupla carga, meu primeiro trabalho e quatro anos de curso pela frente. Foram os anos mais agitados da minha vida, trabalhar e estudar ao mesmo tempo é uma prova de fogo, é um trabalho incansável que não tem descanso, mas como disse, SOBREVIVI.

A persistência se deu também por terceiros, por isso, acreditem no poder da amizade e da família. Aos meus pais, meus agradecimentos em especial, que sempre me abraçavam e acalmavam meus dias tensos, com a certeza que eu iria conseguir vencê-los. Em particular, minha mãe, que até me ajudou no recorte de materiais durante as noites para o trabalho que desempenhava todas as manhãs na escola que trabalhei durante esses quatros anos, me ajudando com o tempo e com espaço para que eu pudesse estudar. Meus pais foram alicerce e cobertura para que conseguisse passar por cada etapa, por cada período.

Agradeço aos meus amigos que o curso me presenteou, Wendy, a primeira que fiz mais contato e que compartilhava das mesmas inseguranças, desde o período online ao presencial. A Laís, que logo se juntou a nós e formamos um trio inseparável dos trabalhos. E no retorno ao presencial, que foi possível conhecer mais pessoas que acrescentaram e muito nesse processo e tornaram os dias mais engraçados, quando tínhamos motivos para chorar. Meu especial agradecimento a Yara, Gierbson, Caio, Airton e Brenda, que chegaram e completaram o nosso grupinho “apocalíptico” de fofocas, risos, ajuda, apoio motivacional, etc. Vocês me ajudaram a não desistir, pois a imagem simbólica de todos nós com as mãos dadas até o final me fez querer persistir e comemorar essa vitória juntos. (E conseguimos!!!)

Agradeço também ao meu esposo, Mateus, que chegou quase na metade do meu curso e que se tornou mais um conforto onde eu pudesse cair e esquecer os problemas que se apresentavam no caminho. Obrigada, meu amor, pela paciência, compreensão e apoio.

Agradeço também, aos professores do curso de Letras que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo mais esta etapa. Ao professor orientador, Luís Henrique, que se dispôs a aceitar minha ideia e confiar em mim para a pesquisa desse trabalho, além de todo auxílio que me foi dado para a elaboração desse projeto, minha gratidão.

Termino agradecendo a todos, pois vocês foram a soma que contribuíram para eu ser o que sou e ter conseguido vencer esta etapa da minha vida. Gratidão e saudade são as palavras que ficarão registradas nessas linhas, na minha história e no meu coração.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como as expressões e itens lexicais relacionados às pessoas com deficiência revelam uma consciência sobre a deficiência na sociedade. Nesse contexto, cumpre destacar que o grupo de pessoas com deficiência, por muito tempo, sofreu vários tipos de violências até conquistar um reconhecimento em nossa sociedade, seja na forma da integração social, seja pelo respeito por como as pessoas fazem referência à deficiência física e/ou intelectual. Diante disso, esta pesquisa pretende abordar, a partir de uma análise qualitativa, como esse discurso é empregado atualmente, e se as expressões observadas no passado no discurso da sociedade ainda se perpetuam nas falas da geração atual, mesmo que de forma implícita. Para isso, esta pesquisa parte de um estudo exploratório, na qual teremos como técnica de recolha de dados entrevistas semiestruturadas, que serão organizadas por um instrumento, que é um questionário. As entrevistas foram realizadas na cidade de Alto Alegre do Maranhão. Além disso, o trabalho tem como embasamento teórico estudos voltados para o léxico, considerando, principalmente a Lexicologia, uma das ciências do léxico que procura descrever como os itens lexicais são categorizados em uma língua e sua relação com a cultura e os estudos sobre o Tabu Linguístico (Guérios 1979). Além desses, para se compreender as relações sócio-histórica da língua, busca-se suporte nas reflexões de Mikhael Bakhtin (1997, 2006) o qual aborda a relação do dialogismo como característica base da interação verbal; para o trabalho com o léxico, foram consultados os trabalhos de Oliveira e Isquerdo (2001), Orsi (2012) e Alina (2014), os quais abordam sobre o estudo do léxico e as discussões sobre tabus linguísticos; além de Piccolo (2022), com a parte histórica da pessoa com deficiência durante os séculos. Os dados das entrevistas mostram que as expressões pejorativas relacionadas à pessoa com deficiência ainda são recorrentes no discurso do cotidiano e o léxico mostra isso. O estudo oportuniza uma discussão mais ampla sobre a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade de forma integral.

Palavras-chave: Pessoa com deficiência; Léxico; Tabu; Alto Alegre – MA;

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze how expressions and lexical items related to people with disabilities reveal an awareness of disability in society. In this context, it should be noted that the group of people with disabilities has suffered various types of violence for a long time before gaining recognition in our society, whether in the form of social integration or respect for how people refer to physical and/or intellectual disability. In view of this, this research aims to address, through a qualitative analysis, how this discourse is used today, and whether the expressions observed in the past in society's discourse are still perpetuated in the speeches of the current generation, even if implicitly. To this end, this research is based on an exploratory study, in which the data collection technique will be semi-structured interviews, which will be organized by an instrument, which is a questionnaire. The interviews were carried out in the town of Alto Alegre do Maranhão. In addition, the work has as its theoretical basis studies focused on the lexicon, considering mainly Lexicology, one of the lexical sciences that seeks to describe how lexical items are categorized in a language and their relationship with culture and studies on Linguistic Taboo (Guérios 1979). In addition to these, in order to understand the socio-historical relations of language, support was sought in the reflections of Mikhael Bakhtin (1997, 2006), who addresses the relationship of dialogism as the basic characteristic of verbal interaction; for work with the lexicon, the works of Oliveira and Isquerdo (2001), Orsi (2012) and Alina (2014) were consulted, which address the study of the lexicon and discussions on linguistic taboos; in addition to Piccolo (2022), with the historical part of the disabled person over the centuries. The data from the interviews shows that pejorative expressions related to people with disabilities are still recurrent in everyday discourse, and the lexicon shows this. The study provides an opportunity for a broader discussion on the inclusion of people with disabilities in society as a whole.

Keywords: Disabled people; Lexicon; Taboo; Alto Alegre - MA;

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- PARTICIPANTES JOVENS.....	44
QUADRO 2- PARTICIPANTES MAIS VELHOS.....	44
QUADRO GERAL 01 – EXPRESSÕES USADAS EM ALTO ALEGRE DO MARANHÃO A RESPEITO DA PCD.....	50

LISTA DE TABELA

Tabela 01: Distribuição dos participantes *jovens* por gênero, idade, escolaridade e as expressões. (Total= 10 participantes).....60

Tabela 02: Distribuição dos participantes *mais velhos* por gênero, idade, escolaridade e as expressões. (Total= 10 participantes).....64

LISTA DE FIGURA

Figura 1- questionários aplicados no momento da entrevista.....	48
---	----

Sumário

1. INTRODUÇÃO	14
2. PERCURSO HISTÓRICO-SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM DIFERENTES ÉPOCAS	18
2.1. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA ANTIGUIDADE	18
2.2. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA IDADE MÉDIA	20
2.3. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA IDADE MODERNA	24
2.4. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE	27
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
3.1. A PERSPECTIVA BAKHTINIANA DA LINGUA(GEM)	31
3.2. DIALOGISMO E A RELAÇÃO COM O “OUTRO”	35
3.3. A RELAÇÃO DO SOCIAL COM OS ENUNCIADOS	37
3.4. O TABU NAS DENOMINAÇÕES PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	38
4. METODOLOGIA	44
4.1. Método de Análise	44
4.2. O <i>Lócus</i> da pesquisa	45
4.3. Participantes da entrevista	46
4.4. Instrumento de coleta	48
4.5. Procedimentos: etapas da realização da pesquisa	49
5. ANÁLISE	53
5.1. Um olhar para as designações apresentadas pelos participantes	53
Doido/doidinho...	56
Pessoa deficiente	57
Autista	58
“Pessoa normal”	59
“Já nasce com problema...”	61
Aleijado	62
5.2. FATORES EXTRALINGUÍSTICOS	63
5.3. MANIFESTAÇÕES TABU	75
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
7. REFERÊNCIAS	92

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal uma análise lexical e sócio-histórica das denominações dadas à pessoa com deficiência. Considerando que, nas sociedades passadas, a Pessoa com deficiência (doravante PCD) fora alvo e objeto de discriminação social, muito em virtude das práticas discursivas que eram proliferadas por sujeitos que ocupavam posições sociais superiores, e que tinham uma visão de normalidade bastante excludente e restrita, é necessária uma investigação que observe o quanto de nossa memória social sobre PCD do presente tem do nosso passado. No passado, os grupos dominantes utilizavam do poder para levar a população a formular uma concepção de que deficiência era algo ruim, e esta forma de manipulação do modo de pensar as pessoas com deficiência fora mantida durante anos, dando origem a verdadeiros atos desumanos e brutais, atos que eram, muitas vezes, autorizados pelas conversões sociais.

Atualmente, é pertinente destacar as mudanças e vitórias conquistadas através desse percurso duro e cruel que foi vivenciado por estas pessoas. Mesmo com as dificuldades que se apresentavam no caminho, grandes movimentos surgiram na sociedade contemporânea e que acolheram as causas das vozes consideradas minoritárias e transformaram aquela realidade, para uma outra em que são cessadas as violências físicas e institucionais. A partir de discussões e movimentos pelos direitos humanos que resultam em projetos e leis, a sociedade começa a aceitar, de algum modo, uma nova realidade, começando a olhar e encarar as diversidades como algo que constitui as bases para uma formação de uma sociedade verdadeiramente democrática. Nessa nova realidade, o grupo das PCD ganha espaço e reconhecimento como um grupo que merece respeito e proteção de toda a sociedade e toda e qualquer manifestação contra essa população pode ser considerada crime.

Diante disso, mesmo em uma sociedade que passou a entender a pessoa com deficiência de uma forma mais humanizada, é possível encontramos alguns elementos relacionados a uma violência simbólica e física associada ao tratamento dispensados às PCD. Tendo em vista que muitas das concepções tradicionais do passado tendem a ser proliferadas nos discursos, a violência e o modo de pensar de pessoas com deficiência ainda traz muito do que foi visto no passado, se manifestando em diferentes contextos sociais a partir dos discursos, atos e pelas diferentes formas de manifestação da linguagem, inclusive, no léxico.

E é por este caminho que pretendemos observar a mentalidade da sociedade, em busca das imagens sociais atribuídas às pessoas com deficiência na contemporaneidade. A partir dos pressupostos teórico-metodológico dos estudos do léxico, buscamos averiguar o vocabulário utilizado por diferentes indivíduos para se referir às pessoas com deficiência, considerando que o léxico permite analisar em uma dada língua a forma como uma determinada sociedade ver o mundo e a categoriza por diferentes prismas, além de, por meio dele, ser possível revelar os tabus de uma comunidade.

Com esse pressuposto, pretendemos realizar um passeio histórico contemplando diferentes discursos sobre a pessoa com deficiência, observado os diferentes contextos em que a PCD fora desenhada na mentalidade das sociedades a partir dos discursos que prevaleciam em determinadas épocas. Essa temática se motivou, a partir de uma realidade do cotidiano da pesquisadora. Considerando que por trabalhar com pessoas com deficiência se depara com situações de preconceito recorrentes na fala das pessoas.

Assim, o exame da linguagem que é utilizada para designar alguém com deficiência por ser pouco recorrente nos estudos linguísticos, sobretudo se pensarmos na relevância do tema. Denota a importância e a escolha do tema por nós e mostra um norte para as discussões apresentadas neste trabalho. Cumpre lembrar, nesse contexto, que a língua é um elemento social que revela muitas do nosso modo de estar e as nossas identidades sociais e, por isso, seu exame revela muito do que somos e do que acreditamos, revela nosso modo de organizar o mundo. E, mediante isto, a ênfase dada a este estudo, que tem por propósito não só acrescentar nos estudos da língua, mas trazer reflexões sociais, que impacta a consciência do sujeito sobre as próprias formas linguísticas e percepções sociais que se atem quando se volta a deficiência.

Com os estudos de itens lexicais, será possível o olhar para os usos de termos que foram empregadas durante todo o percurso histórico e que prevaleceram, sendo usados ainda hoje. De um modo geral, o pressuposto que partimos é que é possível observar um uso de denominações desrespeitosas e segregacionistas quando pessoas falam sobre as diferentes deficiências físicas e intelectuais, expressões essas que foram as principais formas da construção do preconceito e estigma sobre a deficiência ao longo da história. Diante desse fato, percebemos que uma palavra não é apenas uma forma linguística. Bakhtin (2006, p. 96) afirma, nesse sentido, que “não são palavras o que pronunciamos, mas, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais [...]”. Ou seja, as palavras são constituídas das ideologias do social, as quais tem por revelar as marcas das convenções que os sujeitos estão expostos e, os discursos que prevalecem a partir dessas exposições cotidianas que todos vivemos.

Na visão de Bakhtin (2006), se as palavras se materializam dentro dos atos enunciativos, e estes, se modificarem em diferentes contextos de enunciação. Por conta disso, pode ocorrer a retomada de enunciados silenciados em um momento, ou, de palavras que também se relacionam para dizer aquilo que já foi dito em enunciados passados.

Considerando todos esses elementos, esse estudo foi pensado seguindo uma divisão por etapas que se organizam em capítulos, para compreendermos essa relação da PCD e da língua em contextos sociais distintos. Com isso, foi feito uma revisão bibliográfica da Pessoa com Deficiência nas diferentes dimensões sociais na história, a partir de Piccolo (2022). O autor apresenta uma proposta historiográfica em que é possível observar as imagens sociais relacionadas a PCD ao longo da formação da sociedade moderna. Diante dessa historiografia, percebemos como a sociedade foi construindo a imagem da deficiência de uma forma hoje considerada distorcida e como a linguagem utilizada teve impacto na construção de uma identidade social não autêntica, vituperando a dignidade e a liberdade dessas pessoas.

Dentre os estudos que se voltam para a análise do aspecto dialógico da linguagem, nos baseamos nas ideias de Mikhail Bakhtin, sobre o dialogismo na linguagem. O dialogismo é recuperado neste trabalho no sentido de entender os sentidos em perspectiva nas palavras que denominam pessoas com deficiência, para podermos fazer as associações entre as expressões do passado com as dos dias atuais encontradas em nossos dados. A partir das obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), e *Estética e Criação Verbal* (1997), além de coautores que trabalharam por essa perspectiva e que foram abordados durante a discussão deste estudo, buscamos observar o diálogo de ideias e ideologias ao longo dos séculos.

Para se compreender as palavras utilizadas para se referir a pessoas com deficiência, gerando o estigma e preconceito serão abordados dois principais trabalhos: o primeiro é o de Guérios (1979), que trata sobre os tabus linguísticos, dando uma definição e caracterização para os diversos tipos de tabu existentes. E o segundo é o de Goffman (1963, 2008), que se volta para a questão dos estigmas sociais. Um outro suporte relevante para o presente estudo é a Lexicologia, que auxilia a entendermos a natureza do léxico e sua relação com a cultura e o modo de pensar da sociedade, aspectos que são relevantes para o presente estudo.

De um modo geral, objetivou-se analisar os itens lexicais presentes na fala de indivíduos que não se enquadram no grupo das pessoas com deficiência para observar imagens sociais construídas na mentalidade da sociedade sobre as PCD. Como objetivos específicos, visamos analisar e descrever as expressões que são utilizadas para falar sobre as pessoas com deficiências e qual o valor avaliativo pode estar presente nessas denominações. Buscamos ainda

observar e destacar de que modo a sociedade pensa a pessoa com deficiência, mesmo diante de uma onda de discussões sobre a importância da inclusão na sociedade, a partir de manifestações tabuísticas. A fim de observar se a inclusão da pessoa com deficiência está ocorrendo de fato em nossa sociedade de forma integralizada ou se o falso discurso “homogêneo” das culturas passadas ainda persistem em nosso meio agindo de forma oblíqua nos discursos sociais?

A pesquisa está organizada em cinco capítulos, o primeiro capítulo intitulado por “Percurso histórico-social da pessoa com deficiência em diferentes épocas”, visa focar no percurso social que a PCD teve em diferentes eras, a partir dos estudos realizado por Piccolo (2022), Pós-doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que busca a partir de sua obra “O lugar da pessoa com deficiência na história: uma narrativa ao avesso da lógica ordinária”, desestabilizar as certezas sobre a evolução da exclusão a inclusão da PCD na sociedade.

O autor transita desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, focalizando em como as relações sociais influenciavam nas concepções formadas dentro de cada conjuntura. Desse modo, para compreendermos essa narrativa, será apresentado nesse primeiro capítulo estes tópicos de forma resumida que são, “A percepção da pessoa com deficiência na antiguidade”; “A percepção da pessoa com deficiência na idade média”; “A percepção da pessoa com deficiência na idade moderna”; “A percepção da pessoa com deficiência na contemporaneidade”.

A seguir, no segundo capítulo, temos a “Fundamentação teórica” que se volta para a discussão de teóricos que embasam os estudos do dialogismo, léxico e do tabu linguístico.

No terceiro capítulo, temos a “metodologia” que apresenta os métodos de análise, como se deram as elaborações de coleta dos dados e a confecção de informações que estruturam o *corpus* da pesquisa.

No quarto capítulo, encontra-se a análise dos dados, que tem como título “um olhar para as designações apresentadas pelos participantes”, fazendo uma análise tanto semântico-lexical quando dialógica dos itens encontrados. Além de uma análise sobre o tabu linguístico observado na coleta do corpus. No quinto capítulo, denominado “Considerações finais”, são apresentadas as conclusões a partir dos dados analisados. Por fim, as “Referências”, que estão todos os teóricos e consultadas realizadas em sites para produção deste trabalho.

2. PERCURSO HISTÓRICO-SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM DIFERENTES ÉPOCAS

Durante séculos, as pessoas que apresentassem alguma característica considerada fora do “padrão” para sua sociedade seriam ordinariamente colocadas de escanteio e deixada à deriva para que a natureza erradicasse a “abominação” do meio social. Essa triste realidade permaneceu sendo vigorada em muitas culturas do passado e sendo aceita como a mais “certa” a todos, pois se acreditava na padronização corporal dos homens.

A sócio-histórica demonstra como as sociedades antepassadas se estruturavam e como isto se refletia na percepção formada sob a Pessoa com Deficiência. E, por meio da observação e análise da sócio-histórica, será possível compreender se atualmente as ideias expressadas no passado ainda persistem no nosso cotidiano. Nessa direção, procura-se fazer esse percurso pela história das sociedades, interligando aspectos sociais como a religião, a cultura, a economia etc., contextualizando a situação da pessoa com deficiência na sociedade de cada época.

Dessa forma, o estudo de Piccolo (2022), se dará para embasamento desses fatos históricos, considerando que seu livro aborda de modo linear os períodos que compreende a Antiguidade até os dias atuais sobre as maneiras em que a sociedade se comportava com as pessoas com alguma deficiência. Além do mais, ele destaca as formas de segregação e discriminação vivenciadas por essas pessoas durante séculos, denotando principalmente, o poder que o discurso dos grupos dominantes influenciava as bases sociais, além da própria percepção das pessoas sobre o que era certo e errado.

2.1. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA ANTIGUIDADE

Na Antiguidade, a cultura dos povos se definia em rituais oferecidos às divindades celestiais. Os gregos e romanos estabeleciam por todo o território a prática de oferendas e adoração aos deuses, como forma de gratidão pela prosperidade e benevolência. Entretanto, ambos os povos viviam convergindo e divergindo sobre o fenômeno dos comprometimentos físicos, considerando que tudo estava embasado na concepção ritualista aos deuses.

Diante dessa questão, as indagações surgidas por eles às divindades foram a resposta para o nascimento de crianças com alguma delimitação física, por quanto viam como um castigo

dos deuses a eles. Com isso, começam a colocar em prática o infanticídio¹, sendo um dos meios pelos quais encontraram para eliminar de vez a existência de pessoas com algum comprometimento visível, considerando que a padronização corporal fora da média era vista como aberração, e isto desequilibraria a ordem social da época.

Desde muitos anos, nota-se que tudo se baseava em relações externas que influenciavam nas decisões tomadas por uma determinada conjuntura, isto é, o “biológico e o social se misturam” (PICCOLO, 2022, p. 62). Determinada prática de infanticídio praticada com pessoas com alguma deficiência, quando não eram realizadas pela mãe, o próprio Império tomava as atitudes e procurava meios de entregar os bebês aos deuses, colocando-os expostos aos perigosos da própria natureza, deixando a critério das divindades naturais como recolheriam de volta.

Nesse viés historiográfico, a percepção começa a ganhar novos prismas, quando os soldados do próprio Império participavam da guerra para defender a pátria e, nesses eventos, adquiriam lesões que comprometiam partes de seus corpos, tornando-os limitados fisicamente para atuarem em atividades realizadas. Diante disso, leis e projetos foram elaborados pensando nos direitos desses soldados feridos em virtude da guerra, pois como estavam integralizados ao tecido social deveriam ser assistidos.

Evidentemente, percebe-se que a forma como a sociedade tratava as pessoas com comprometimentos já era desigual, considerando que a moral se modifica apenas quando esses comprometimentos afetava o tecido sociopolítico, o qual só demonstrava como a idealização era mesclada de fatores socioculturais que definiam o que seria deficiência. Isto é, a sociedade romana se atrelou a uma ordem moral na constituição desse sistema que designa o que seja normal e anormal, colocando a crença como mediadora de todos os fenômenos biológicos, além de outros elementos que tinham explicações com base na crença aos deuses, como o “clima, a fertilidade, o poder, as enfermidades, entre outras coisas.” (PICCOLO, 2022, p.64).

E somente quando alguém incorporado ao tecido social se encontrasse em uma situação que antes fora vista pela sociedade como ofensiva aos deuses, outrora, passa a uma nova percepção em virtude dos próprios interesses, e com isso, partem para a criação de uma lei instaurada na perspectiva de que se os soldados se feriram lutando pela pátria, e obviamente, os

¹ **infanticídio**: assassinato do próprio filho pela mãe, durante o parto ou logo após, sob influência do estado (PICCOLO, 2022).

deuses por merecimento de grande bravura concederiam à vida a eles, sendo considerados como valentes e heróis, mesmo que tal ação custasse o desvio estético e funcional de seus corpos, e isto era visto para o povo com um novo olhar sobre as delimitações físicas.

Com essa nova atitude, as leis foram sendo contempladas também as pessoas com alguma deficiência de causas genéricas, mas isto não expressa uma nova era simbolizada pela paz e conscientização da sociedade em incluir e respeitar essas pessoas pelo espaço social, pelo contrário, ainda persistiu essa relação de extermínio e eliminação pela concepção formada sobre essas pessoas.

Essa nova relação estabelecida na Antiguidade acaba por segregar a sociedade em perspectivas distintas sobre o certo e o errado, alastrando no final desse período um sentimento de caridade e obscuridade que irá entrelaçar a vida social e religiosa de muitos até meados do século V contemplando, inclusive, o período medieval.

2.2. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA IDADE MÉDIA

Sob esse novo período histórico, o sistema feudal foi o principal alicerce de assentamento nas atividades de produção da Idade Média, que teve como ideais dominantes os pensamentos religiosos liderados pela Igreja Católica.

De acordo com Piccolo (2022, p.78), “a Idade Média foi vaticinada como a Idade das Trevas muito em virtude de esse movimento entender que tal período histórico havia se subsumido em todas as esferas culturais aos desígnios da Igreja Católica, [...]”. Ou seja, o discurso pregado pela Igreja Católica influenciava em todas as áreas da sociedade, assim como também na concepção formada no ponto de vista da sociedade sobre as diferentes esferas da sociedade.

Para se compreender a perspectiva obscura medieval, é necessário destacar as duas fases desse período que corresponde a Alta Idade Média e a Baixa Idade Média, dois períodos que compreende diferentes momentos.

Na Alta Idade Média, que corresponde o ano de 476 e inicia o século XI é marcado pela desagregação do Império Romano “e o assentamento do sistema feudal de produção, alicerçado no escravismo, na vassalagem e em relações suseranas.” (PICCOLO, 2022, p.78). A Igreja Católica sob essa estruturação do feudalismo crescia de forma a fortalecer seus ideais morais perante a sociedade, que via como justas essas ideias hegemônicas.

A relação da Igreja Católica com o universo dos corpos com alguma delimitação estética ou funcional era expressa por atos de caridade, proteção em abrigos e alimentação, mas também

havia uma complexa diversidade quanto à imagem dessas pessoas. Segundo Piccolo (2022), a Idade Média por completo apresentou

Marcadores inéditos na forma de se relacionar com distintos comprometimentos físicos, sensoriais ou mentais. É desse período que insurgem eventos como a bufonaria, a bruxaria e as primeiras instituições residenciais segregadas para leprosos, [...] (Piccolo, 2022, p.80)

Assim, nesse período, por vezes as pessoas com alguma delimitação em áreas congênitas eram tidas como referência para a realização de atos caridosos, mas também para o entretenimento.

A Idade Média estava enraizada na conceituação desde os primórdios sobre as pessoas com deficiência serem vistas como *Monstros*, e em virtude dessa concepção resistiam em seus discursos a ideia formada por outras sociedades a concepção das pessoas com deficiência serem possuídas do mal, serem tidas como castigo de Deus. E isto apenas fortalecia a imagem odiosa e discriminativa nos discursos que se atrelava no tecido social, fazendo com que essa perspectiva se ramificasse entre as gerações. Os reinos se ocupavam disso, para colocar em pratica o fenômeno da bufonaria². Com esta condição social vivenciada na época, eles se aproveitavam para tomar as pessoas com algum comprometimento mental para integração na parte humorística da elite, conhecida na época por *bobos da corte*.

Essa representação das pessoas com algum comprometimento com o decorrer do tempo e das percepções formadas pelo poder da elite, o cômico passa então para a simbolização do maléfico, pois para a nova interpretação religiosa, a “anormalidade” passa a ser vista como um corpo que não é semelhante ao do criador, isto é, não são criaturas semelhantes a Deus por conta de suas diferenças corporais/mentais, sendo assim, relacionavam as deformidades com a imagem do mal (Piccolo, 2022).

O entendimento sobre as pessoas com deficiências para a sociedade varia a partir dos discursos idealizados e estigmatizadores da corporeidade, isto se dava a partir daquilo que mais cabia aos interesses da elite para a composição do tecido social.

² Entende-se por **bufonaria** a ação relacionada a práticas de chocarrices desempenhadas pelas exposições em praças ou outros locais em que o público podia ter acesso a bufões ou bobos (compostos por anões, coxos ou outras pessoas com comprometimentos corporais dignos de atenção e em desproporção evidente). (Piccolo, 2022, p. 80)

Próximo ao fim da Antiguidade, esse sistema de caridade já havia sido estabelecido, mas com a chegada da Idade Média, cresceu ordinariamente, mesmo com conceitos diversos já preestabelecidos sobre a pessoa com deficiência. Todavia, na Alta Idade Média, esses atos ganharam mais manifestação, e com esses atos, veio também, a concepção construída na Antiguidade das pessoas com deficiência serem “anormais” e “monstruosas”. Diante disso, destaca-se o representante religioso que revolucionou essa premissa com esse sistema de atitudes caridosas sobre os mais necessitados, Francisco de Assis, que pregava em prol da ajuda que deveria ser dada aos que precisavam, além de propor uma

nova gramática de reconhecimento que reside na maneira pela qual ele considera todos os seres humanos e, em especial, os pobres, por sua humanidade e valor espiritual integrais, portanto, não somente como instrumentos de salvação dos ricos, o que reenquadra a lógica da caridade hegemônica. (Piccolo, 2022, p.87)

O discurso proclamado pelo representante religioso foi decisivo para que a sociedade tomasse para si uma nova orientação sobre o que acreditar e seguir. A posição dominante do clero nesse período foi igualada na pirâmide dos três poderes como a mais poderosa e dominante de todo o território, juntamente aos reis. Essa época é demarcada como um “sistema de relações materiais”, pois os atos de caridades se fortaleceram depois da proclamação que os religiosos deveriam ter mais compaixão e doar aquilo que tinham como Cristo fez (Piccolo, 2002, p.87).

A Baixa Idade Média, que se iniciou no século XI e se estendeu até meados de 1453, que foi o período de grande crescimento do feudalismo, mas também de colapso, uma vez que começam ocorrer transformações no campo agrícola em detrimento das tecnologias que revolucionaram os meios de produção no campo, potencializando as rotas comerciais criadas pelas Grandes Navegações, e isto afetou de forma brusca a ordem social.

De acordo com Piccolo (2022), a Baixa Idade Média vai ser marcada pelo surgimento de epidemias que favoreceram ao aumento da miséria e fome. Essa época registra em grande número o aparecimento de pessoas com deficiências, tendo em vista que o alto índice de doenças e desnutrição deixaram muitas sequelas naqueles que conseguiam sobreviver.

Assim, compreende-se que o apoio dos ricos para os pobres foi bastante recorrente nesse período, por quanto os atos caridosos atuaram de forma a amenizar a vida das pessoas, mas não as retirou da pobreza, por razões, que tais ações estavam inter-relacionadas com fatores sociais que fomentava os interesses ambíguos e ocultos da elite sobre a concentração de renda que acontecia devido ao grande crescimento do comércio e para manter as aparências. O grupo dominante distribuía as rendas aos pobres e necessitados para “homogeneizar” a riqueza entre

a sociedade, só que isso era apenas para silenciar os verdadeiros valores lucrativos que a elite se ocupava. Segundo Piccolo (2022) isso, na época, era conhecido como Filantropia

servia como uma espécie de remédio que silenciava possíveis convulsões, prestando auxílio a interesses das elites dominantes no anseio de protegerem suas posses em uma paisagem que amontoavam um sem número de desvalidos e esquálidos. (Piccolo, 2022, p.89)

A Igreja Católica controlava essa parte econômica da sociedade, influenciando os ricos a serem caridosos com os pobres, pregando a ideia de quem fizesse doações dos seus bens a quem precisa teria direito a salvação. Essas doações fizeram com que a igreja enriquecesse e ganhasse mais força nesse espaço social. Côrrea (2005 apud Vieira, 2016, p.29) irá reafirmar essa concepção da seguinte forma

essa fase, as atitudes para com os deficientes tinham um caráter ambíguo de proteção-segregação/caridade-castigo. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que garantiam a eles abrigo, alimento e proteção, eram confinados com a justificativa de que estavam (membros do clero) salvando a alma do demônio e livrando a sociedade das condutas anti-sociais.

Essa ação de um sistema de doações desenvolvida pela Igreja levou-a pensar em espaços longe dos centros urbanos da cidade para segregação dessas pessoas como forma de crescer mais com os números de doações. A fragmentação dessas pessoas das demais só demonstra o quanto à elite se aproveitava das condições físicas, mentais e sensoriais das pessoas para rendimento de seus próprios interesses.

A Idade Média, em geral, é marcada como a Idade das Trevas justamente por esse lado obscuro que pairava nessa organização estatal, mas também foi de benevolência, não no sentido de se instaurar a inclusão, mas de instaurar as primeiras instituições que foram responsáveis futuramente pelo desenvolvimento de estudos e tratamentos das pessoas com deficiência.

No final da Baixa Idade Média, com a expansão em massa dessas instituições, principalmente para as pessoas que estavam com doenças contagiosas, como é o caso da lepra, que teve impulso para a criação de espaços segregados, os leprosários foram ganhando novas perspectivas quanto ao afastamento de pessoas com algo que a comprometia socialmente, e esses lugares seria a melhor solução para a ocultação desses “problemas” na sociedade.

Assim, além dos leprosos, as instituições se abriram para outras causas que se constituía para a sociedade como um problema. Segundo Piccolo (2002), ele afirma que

o aparecimento de outras instituições destinadas a populações definidas com desvio, tais como os loucos, as vagabundas, bandidos, prostitutas, além de pessoas com corpos disformes, [...]. Essas instituições foram batizadas por diferentes denominações: asilos, manicômios, prisões, hospícios, hospitais psiquiátricos, [...], possuíam um objetivo similar, qual seja: esconder por abrigo aquilo que não era desejado ser visto. (Piccolo, 2022, p.92)

Essa fase estabelecida pelo Estado como nova política e que demarca um período de escuridão e sofrimento para as pessoas que foram retiradas do convívio social como uma forma de “livramento” para o restante da sociedade. No entanto, a Baixa Idade Média também é vista com benevolência, principalmente no final do século, considerando que as segregações começam com o tempo serem segmentadas e estudadas pela ótica de estudiosos científicos sobre as causas das diferenças nos corpos de pessoas com deficiências - PCDs, esse período é registrado como a chegada da Idade Moderna.

2.3. A PERCEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA IDADE MODERNA

Os estudos científicos têm marca registrada na Idade Moderna, colocando-a como revolucionária no pensamento religioso, no campo político, na economia e em toda a base cultural dessa sociedade. Esse período é datado nos anos de 1453 e 1789, o qual compreende fatos históricos importantes como, a Tomada da Constantinopla e a Revolução Francesa (Piccolo, 2022).

A Idade Moderna é considerada como a Idade das Luzes, pois uma transição abarcou esse período com mudanças na sociedade, além da nova moral dominante. Nessa linha, Piccolo (2022, p.101) acrescenta que a sociedade moderna será constituída por novos fatores, exaltando a “individualidade como subjetividade, [...]” e retirando “[...] o saber mágico [...] substituído pela ciência [...]” além dos “[...] quadros religiosos por autoridades mundanas.”

A compreensão dos corpos com algum desvio dos padrões sociais começa a ganhar novos horizontes, pois é nesse período moderno que estudos a respeito das causas e fatores que causam o nascimento de pessoas com alguma deficiência gera avanços na área da ciência com o intuito de se obter respostas biológicas as condições congênitas. No entanto, com esse novo científico se destacando nessa época, ainda sim, a obscuridade do Medievo preexiste pelas lentes de determinadas categoriais sociais sobre a relação das “anormalidades” com o poder maligno.

Diante das novas percepções que se assola na Modernidade, não podemos deixar de situar como a sociedade moderna se retratava com esse processo de mudanças em suas camadas

e como isto influenciou mais uma vez nas concepções adotadas pela população sobre a Pessoa com Deficiência (PCD).

Para início, vale relatar que o aspecto econômico da época teve mudanças significativas feitas pelo Governo, não só no fator econômico, mas também político e cultural. A mudança estabelecida pelo sistema moderno fica em divergência com o Medievo, isto diz muito como a sociedade se ordenou quanto ao pensamento, às crenças, as formas de produção adquiridas agora para o trabalho etc. Esses ajustes no sistema governamental desequilibra o sistema feudal que antes vigorava e passa não existir mais essa forma de produção, mas insurge como principal meio de crescimento financeiro da monarquia a Comercialização feita pelas Grandes Navegações, as quais foram bastante favoráveis ao fortalecimento da elite.

Com essa nova estruturação absolutista do Governo sobre os produtos que geravam riqueza para a Burguesia, a economia começa a trilhar novos horizontes dando mais poder para aqueles que já usufruíam. O Mercantilismo é o principal meio pelo qual o Estado consegue grande envolvimento nesta economia, e isto se dava por meio da “acumulação de metais preciosos ou moedas.” (Piccolo, 2022, p. 97), o que mais tarde influenciou no sistema capitalista de produção.

Essa evolução econômica ocasionou o início da colonização, tendo em vista que a expansão marítima permitiu essa liberdade nas transações, consolidando assim, a escravidão e a utilização dessa forma de submissão para a exploração de recursos naturais. Foi assim que a Burguesia se estruturou nesse sistema absolutista, deixando de lado os dogmas religiosos sobre a materialização de riquezas e o desapego destas em prol da salvação por meio de doações aos necessitados.

A religião nesse contexto deixa de ser o centro das negociações econômicas da sociedade, tendo em vista que a igreja católica ia contra a acumulação de recursos para si própria. Ou seja, no Medievo, ela tinha o poder de criar políticas públicas que decretasse a distribuição dos bens por meio de esmolas e doações, todavia, essa transformação causou revolta entre os mais necessitados, por quanto, sem as esmolas e doações a miséria se agravava e isto causava tumulto.

De acordo com Piccolo (2022, p. 111), o governo absolutista vendo essa situação já difícil se agravar pela ausência das práticas do cristianismo no sistema político público, fez com que medidas autoritárias fossem tomadas como forma de “conter revoltas, intimidar a população e torná-la dóceis à nova lógica produtiva que se avizinhava fez da Modernidade uma época que tomou a distinção de corpos e sujeitos como gramática moral de reconhecimento.”.

Essa prática fez com que a população fosse fragmentada e segregada em instituições e isto fez com que “as diferenças tornadas em desvios crescessem em número assustador, uma vez que o novo regramento se utilizava de um eixo centrípeto muito estreito em relação aos corpos passíveis de integração em sociedade.” (Piccolo, 2022, p.111). As internações não faziam acepções de pessoas quando se tratava daqueles que estivessem contra o Estado, desde prostitutas, mendigos, pobres, bandidos, pessoas com deficiência, etc. todos seriam internados juntos, pois o objetivo do Estado era justamente o ordenamento social e o silenciamento de problemas e subjetividades.

Pode-se verificar que o assombro político fez a desvinculação de aspectos que outrora se relacionava com o mau-presságio do Medievo com o aspecto de separação por confinamento àqueles que poderia prejudicar a nova lógica social do sistema governamental. Consequente, as bases científicas e médicas começam se utilizar dessa institucionalização com objetivo de buscar uma explicação para as causas e consequências para os internos. Segundo Piccolo (2022, p. 114) “as internações absolutistas [...] feitas de forma abusiva e massificadas” deveriam ser deformadas, por quanto insurge um “reordenamento nas novas formas de tratamento.”

Teixeira (2019, p. 543 – 544 apud Piccolo, 2022, p.114) revela a figura do *alienismo* como forma de “recuperar alienados mentais através da ação médica.”. Por quanto, o foco estava na recuperação dos “insanos para o terreno da razão, tornando-os aptos a participar do novo mundo que se descortinava: o mundo da revolução burguesa.”

A Modernidade é visivelmente marcada por fases de retrocessos, mas também de progressos, considerando que a forma inicial aqui relatada toma as pessoas de “perigo” ao Estado para a segregação destas em instituições com o objetivo de excluí-las radicalmente da coletividade, colocando em pauta as ideologias místicas e mágicas do Medievo sobre determinados fenômenos de lado e pondo em centro as respostas com base racionais e científicas.

Ao fim da Idade Moderna, o saber médico é marcado com méritos sobre seus estudos para se compreender a origem e relação dos comprometimentos com o biológico, considerando que os progressos obtidos nesse período favorecessem em pensamentos críticos e curiosos voltados à questão de pessoas tidas com desvio no corpo para o resto da sociedade. Com isso, abre-se uma nova roupagem dos estudos médicos e científicos, além de uma nova linguagem que será o advento do próximo período, o Contemporâneo.

2.4. A PERCEÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

O discurso que inicia o contemporâneo não deixa de ter marcas do período moderno, só que agora de uma maneira subjacente. Tendo em vista que a nova linguagem proclamada aqui ganhará apenas uma nova face diante daquilo que a sociedade deveria ver. Piccolo (2022, p. 129) afirma essa passagem da seguinte forma

[...] a institucionalização desdobrada na contemporaneidade configura-se como um martelo das bruxas ressignificado e trajado sob vestes benfazejas. Internamente, um mecanismo de segregação que protege o coletivo do desviado. Externamente, um ambiente que protege as pessoas com deficiência das agudezas da vida, da discriminação, oferecendo, no caso das instituições totais, abrigo, e alimento, tendo por fim último a correção do desvio (pela saúde, mas também mediante a educação) para que dito sujeito pudesse desempenhar algum papel nas atividades produtivas.

O processo de institucionalização acontece em períodos anteriores, no entanto, neste, a concepção assinalada gira em torno de duas perspectivas que se contradizem, por quanto, uma é explícita a sociedade na concepção de que as pessoas com deficiência eram consideradas como doentes e desse modo necessitavam de tratamento médico; todavia, a segunda que age de maneira implícita tem por objetivo o controle sob o corpo e dos indivíduos, com o foco na restauração dos desvios para que possam se “curar” e participar da coletividade e do trabalho. Esse era o ordenamento social e político da época.

A Idade Contemporânea é marcada pela “Tomada da Bastilha em 14 de julho de 1789 e se estende até os dias atuais” (Piccolo, 2022, p.122). Esse período se entende como o período de uma revolução global, com grandes inovações na área da tecnologia, com Revoluções científicas, industriais, com um grande crescimento em massa de alimentos, vacinas, além das novas medidas governamentais instaurada.

Segundo Piccolo (2022, p.122) a “Revolução Francesa” foi “como uma janela inaugural desse novo tempo [...]”, com os grandes acontecimentos que ocorria desde os países europeus até o estadunidense registrando movimentos políticos que foram de suma importância para o campo social, além desse movimento da Tomada da Bastilha que formou uma nova premissa na maneira de se pensar.

Nesse véis da Revolução Francesa, origina-se o documento sobre os “Direitos Humanos e do Cidadão de 1789, manifesto que inaugura uma nova forma de se pensar as instituições e suas relações com o indivíduo, [...]” (Piccolo, 2022, p. 123). O qual insurge com brado a frase “Somos todos livres e iguais.”

Essa fase a qual coloca em questão os direitos e a lei com base nas liberdades de expressões das pessoas, no entanto, essa nova viragem não alcançou as pessoas com comprometimentos, por conseguinte, restringiram sua liberdade de expressão por meio das lentes clínicas, às vontades deles não importavam, apenas o que os médicos associavam em seus discursos como, doentes que precisam de tratamento e internalização.

Esse período de institucionalização que é compreendido a partir do século XIX e vai até meados do século XX, agia com o mesmo objetivo dos períodos anteriores: apartar os “desvios” da coletividade. Todavia, mediante o contexto e a gramática moralista que vigorava em cada época, mudava-se o propósito da institucionalização, Piccolo (2022, p. 126) afirma isso ao escrever que

A institucionalização contemporânea não ocorre mais por temor sanitário, como na Idade Média, tampouco objetiva conter revoltas, função destacada durante a era Moderna. Nessa nova paisagem social, a institucionalização faz parte de um insidioso processo de estigmatização que considera a pessoa com deficiência com alguém a ser apartado em virtude de seu desajustamento biológico e social.

Assim, compreende-se que mesmo com o dilema de igualdade, liberdade e fraternidade, ainda sim, repelem a diferença. O estigma agora é a nova conceituação associada ao termo deficiência, com uma linguagem cheia de ideias preconceituosas. Ainda segundo Piccolo (2022, p. 128), a deficiência nesse período foi vista “como a nova lepra da qual a sociedade deveria não só se afastar como envidar todos os esforços para que destacada população diminuísse em quantidade, dado seu não aproveitamento social.”.

O ordenamento social exigia que as pessoas tivessem aproveitamento social, isto é, o sujeito deveria contribuir nas atividades trabalhistas. As pessoas que não tinham condições ao trabalho eram excluídas, pois sua indisposição corporal não favorecia no ordenamento da coletividade. Logo, “a segregação projetada na contemporaneidade” buscava estabelecer entre esses indivíduos as funções que achavam ser capazes de serem restauradas para que pudesse contribuir socialmente com o trabalho. De modo, que restabelecessem a ideia de normal aos corpos com comprometimentos. (Piccolo, 2022, p. 129-130).

A normalização dos corpos nesse período é fortemente vinculada à ideia do “homem médio” desenvolvida por Quételet, o qual “tinha por objetivo a criação de um elemento [...] neutro que pudesse justificar as crescentes desigualdades [...]”, ou seja, a burguesia forjou essa ideia do “normal” desenvolvida por ele para se beneficiar quanto às burocracias que se formariam socialmente interpelando a desigualdade sobre esse grupo minoritário. (Piccolo, 2022, p. 133).

Com isso surge a justificativa que anteriormente fora discutida nesta pesquisa, que os corpos com alguma deformidade eram separados, pois não serviam para a vida social e do trabalho. Dessa forma, essa foi a justificativa que as políticas públicas implementaram para que as institucionalizações fossem vistas como algo “normal” para a população, pois necessitava de um discurso que pudessem enunciar de forma que não causasse problemas ao estado, por quanto, “a normalização nada mais consiste do que a projeção da busca pelo corpo que se encaixa às linhas da norma como fim último.” (Piccolo, 2022, p.148).

Segundo historiadores, as pessoas com deficiência em algumas situações restritas realizavam trabalhos em condições insalubres, isto em virtude da Revolução Industrial no final do século XIX, em “minas de carvão britânicas” (Turner. et al. 2018 apud Piccolo, 2022, p.167). Esse trabalho considerado como de risco, foi destinado a estas pessoas justamente por que acreditavam que suas vidas valiam menos e não deixariam lacunas no tecido social (PICCOLO, 2022).

Pelos muitos avanços científicos da idade moderna e contemporânea, muitos pensamentos vigoraram e que serviram de base para as concepções que circulavam entre os médicos, dentre alguns está o *eugenismo*.³ Piccolo (2022) afirma que essa proliferação do pensamento eugênico, as PCDs vivenciaram nessas institucionalizações tratamentos brutais que levava a morte, dado que, essa ciência surgiu com o objetivo de “melhorar” a raça humana a partir de explicações no viés de condições inferiorizadas na época.

Esse pensamento se alastrou e tomou proporção ao ponto de se tornar política oficial de Estado, os quais objetivavam “a incorporação por apagamento das diferenças e pela exclusão radical” desses sujeitos. (Piccolo, 2022, p.170).

Eventualmente, esse momento massacrante na história das PCDs ganha impulso com o holocausto nazista, que se apropria de tal prática para exterminar judeus, e principalmente os que possuíam algum comprometimento, equivalente a duzentos e setenta e cinco mil de pessoas com deficiências foram assassinadas por médicos nazistas (Reilly, 1991, apud Piccolo, 2022).

O extermínio de pessoas com comprometimentos foi realizado com tanta frequência em um período tão presente e tão desenvolvido em tecnologias e conhecimentos, que foram submetidas a esse massivo extermínio a partir de uma ideia homogênea sobre a deficiência.

³ A chamada ciência da **eugenia** surgiu no século XIX, estando respaldada por governos que a consentiam nas experiências oficiais nacionais, cujo nexos ideativo escorava-se na legitimação de políticas direcionadas à confecção de práticas que tinham por objetivo promover a suposta melhoria da raça humana, as quais se fundamentaram essencialmente na construção de narrativa de inferioridades biológicas expressas sobre condições físicas, gênero, raça, sexualidade e classe social. (PICCOLO, 2022, p. 168)

Todavia, essa prática foi denunciada e assim gera o “famoso código de Nuremberg, o qual sistematiza um conjunto de princípios éticos que teriam de reger obrigatoriamente as pesquisas com seres humanos.” (Piccolo, 2022, p.173). Ainda assim, essa ideia ainda ficou a influenciar muitas relações sociais, dentre elas as bases políticas e médicas da sociedade.

Somente após o fim do holocausto, surgem espaços de acolhimento para as PCDs que se encontravam com o mesmo sentimento de opressão e sofrimento entre si. Com isso, proliferou o surgimento de vozes que proclamava nesse espaço que outrora fora silêncio, agora havia vozes ativistas que ajudaram nesse processo de formação da identidade desse público. Com uma nova linguagem sobre os direitos da pessoa com deficiência, dando liberdade para que possam decidir quais decisões tomar, aonde querem ficar, com a desmitificação do discurso colonizador médico sobre a ideia de deficiência, foram surgindo coletivos de luta pelo direito da pessoa com deficiência.

Novos prismas em torno do conceito sobre deficiência começam a surgir ganhando novas perspectivas que caracteriza a PCD como um sujeito social. Os movimentos ativistas que promoveram denúncias sobre as formas de segregações, institucionalizações marginalizadas surtem efeitos.

As políticas públicas se movem em prol dessa causa com leis que assistissem e incluíssem na coletividade, no trabalho, na educação, pessoas com comprometimentos, uma vez que, o discurso com a ideia estigmatizada de o diferente ser indesejado na sociedade em toda essa cronologia histórica ocasionou toda essa repercussão de apagamento, privações, opressões e marginalizações vividas por pessoas com deficiências, que tiveram seus direitos reparados depois de quase duzentos anos no decorrer do período Contemporâneo.

Com base nisso, observa-se que durante todo esse percurso sócio histórico os discursos foram se mantendo e se modificando e sendo uma das principais ferramentas utilizadas pelos povos como arma para ferir a dignidade e existência das PCDs. Diante disso, é necessário compreender essa relação de língua, sociedade e sujeito para se analisar os fatores sociais que interpelaram nos discursos essa agressão enunciada em diferentes contextos sociais.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A PERSPECTIVA BAKHTINIANA DA LINGUA(GEM)

Conforme observado, nas sociedades antigas, o descaso e a intolerância marcavam as ideias e o discurso da época. A violência física e simbólica contra as pessoas com deficiência atravessou os séculos e pretende se manter, mesmo que de forma apenas simbólica. Essa concepção vigorava em alguns eixos sociais. Diante disso, pode-se notar que esses fatos carregam discursos que até nos dias de hoje em uma ocasião e outra são ouvidos.. Levando em conta que as ideias são influenciáveis pelas forças discursivas que circulam na sociedade e, principalmente, são uma porta de entrada que permite o acesso a retomadas de dizeres do passado, possibilitando a renovação a partir da interação verbal, tomar uma teoria que pense esses mecanismos do dizer apresenta-se como algo importante.

Nessa direção, este estudo procura, por meio do pensamento Bakhtiniano, compreender a relação da linguagem em consonância com as formações discursivas que são materializadas por meio do diálogo e a inter-relação da sociedade em diferentes contextos.

Nessa linha de pensamento, o estudo de Mikhail Bakhtin desempenhou importantes trabalhos voltados à linguagem humana, fornecendo variados conceitos para a compreensão da inter-relação da linguagem com o social. Essa forma de pensar da linguagem possibilitou para a formulações de novos conceitos desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin, Dantas (2021, p. 110) afirma que “O chamado Círculo de Bakhtin diz respeito a um grupo de intelectuais que se reuniram de forma regular e sistemática no período de 1919 a 1929, nas cidades russas de Nevel e Vitebsk, em seguida, em São Petersburgo, [...]”. Assim, as contribuições do grupo enriqueceram os estudos voltados para a evolução da língua e as relações da linguagem com o coletivo a partir da enunciação verbal.

Dentre os conceitos desenvolvidos pelo grupo, encontra-se o dialogismo. Conceito importante para o desenvolvimento e compreensão deste estudo a respeito da linguagem e a relação sócio-histórica na constituição dos sujeitos na sociedade por meio do diálogo. Desse modo, para Bakhtin (2006, p. 18) a língua é “como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”. Ou seja, a língua é um sistema heterogêneo, pois a diversidade social permite um lugar em que a identidade se construa a partir das diferenças, porque se constrói a partir da relação dialógica.

A teoria de Bakhtin se distinguiu de várias teorias, dentre elas está a corrente estruturalista. Contemporâneo desse pensamento saussuriano, Bakhtin revolucionou a concepção de língua modificando em seu pensar a questão da língua e fala não serem inseparáveis, mas sim, uma coexistir por meio da outra para que ocorra a comunicação verbal. Nesse interim, Macedo (2009, p. 03) argumenta que “A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica.”.

Com isso, para Bakhtin (2006), a linguagem é como um sistema de signos em que estão associados tanto a realidade social como o eixo histórico. E isto está diretamente relacionado à maneira como os falantes tomam essa linguagem para si no momento da realização da comunicação, como também à atribuição de significados para as coisas que os cercam nessa atmosfera (Lima, 2018).

Assim, percebe-se que o ato da fala está inteiramente relacionado com o processo de enunciação do falante em sociedade, compreendendo assim, que o signo emerge a partir do contato e interação com o outro. Bakhtin (2006) dialoga sobre isso quando discorda do idealismo e da visão psicológica que coloca a ideologia como um fato da consciência individual e o signo como algo exterior, que só terá efeito a partir da compreensão interior dos fatos. Entretanto, para o russo, a ideologia é compreendida como

um produto que faz parte de uma realidade (natural ou social) [...] como também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. (Ou seja) Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (BAKHTIN, 2006, p. 29)

Nesse contexto, o signo é ideológico, porquanto, a ideologia necessita para sua produção algo material e real para que ela possa transformar um objeto, um instrumento etc. em algo que reflita, representa ou simbolize uma outra coisa que não seja aquele sentido que habitualmente é atribuído a um determinado objeto. Bakhtin (2006) apresenta um exemplo para melhor representar esse signo ideológico.

Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico: os instrumentos utilizados pelo homem pré-histórico eram cobertos de representações simbólicas e de ornamentos, isto é, de signos. Nem por isso o instrumento, assim tratado, torna-se ele próprio um signo. (BAKHTIN, 2006, 30).

Mediante isso, observa-se que o signo ideológico busca por algo que esteja fora de si, para se manifestar e atribuir uma valoração de significados a seu modo, por meio da materialização da linguagem em enunciados. Segundo Bakhtin (2006), a manifestação da linguagem por meio da enunciação possibilita a construção de sentidos e signos ideológicos diferentes socialmente. Isso é necessariamente decorrente, tendo em vista, que a língua, com o passar do tempo, muda, ganhando novas formas e novos signos em seu interior. E essa fração de mudança é demarcada e visível pelos atos individuais, isto é, pela fala, na qual possibilita as convicções tomadas pelos falantes de cada “nichos culturais em que se vive” (LIMA, 2018, p.04).

Nessa entrelinha, entendendo que a linguagem é dialógica e tendo por manifestação os signos na enunciação (BAKHTIN, 2006), é importante trazer para a discussão a teoria da enunciação proposta por Bakhtin. Diante disso, Neckel (2014), explica que o conceito de enunciação é produzido levando em consideração três pontos importantes no processo de formação do enunciado - o contexto, o interlocutor e a intenção discursiva

[...] ‘A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação’. Dessa forma, segundo a proposta do autor, ‘a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor’ (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1982, p. 112-113 apud NECKEL, 2014, p. s/n)

Isto é, a enunciação conforme os estudos bakhtiniano teve como ponto central a interação do indivíduo nessa atividade de constituição da linguagem, considerando que o enunciado será como um produto concreto da comunicação discursiva. Logo, o enunciado partirá daquilo que é dito em determinado contexto discursivo, o qual é elaborado em uma determinada situação e isto proverá apenas em citações mediante a situação, pois o símbolo significativo daquela verdade enunciada se encaixa num determinado contexto de produção o qual “não pode ser compreendido dissociado das relações sociais que o suscitaram” (Filho; Torga, 2011, p. 02), esse ato de produção se constitui pela enunciação. Pires (2002, p. 40) afirma, seguindo o pensar Bakhtiniano, que a enunciação “é determinada pela situação social imediata e pelo meio social, sendo organizada, no que diz respeito ao seu conteúdo e significação, fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social.”

Diante disso, ao compreender que a linguagem é expressa por meio dos enunciados e materializa a realidade social, Bakhtin (1979, p. 282 apud PIRES, 2002, p. 37; 40) explica que

“A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam da mesma forma que, através deles, a vida penetra nela.” Assim, os enunciados refletem não apenas o que a linguagem é, mas também “um processo determinado pela vida social, estando em permanente evolução.”

A concepção do pensador russo a respeito da língua não ser de natureza linguística, mas sim, social, gera muitas concepções que permeiam a linguagem, tornando-a acessível em “um lugar de confrontos ideológicos.” (PIRES, 2002, p. 37), pois a sociedade repleta de culturas e tradições torna a língua diversificada e cheia de conflitos, e isto a torna plurivalente. Segundo Macedo (2009), a plurivalência é de fato condicionada a partir dos variados valores que são atribuídos à linguagem, possibilitando assim, a representação da ideologia e isso sucede na exteriorização de palavras com significados repletos da diversidade sociocultural. Brait (2015) afirma isso, ao dizer que

explorar a ideia e centrar a discussão no fato de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado. Assim sendo, "o significado da palavra está também ligado à história através do ato único de sua realização..."(Bakhtin e Medvedev, 1978, p. 12 apud Brait, 2015, p.93)

Nesse trecho, Brait (2015) discute a respeito de a palavra ser o principal fenômeno da ideologia. Fortalecendo essa concepção por meio dos estudos de Bakhtin e Medvedev (1978), os quais argumentam que a palavra, no decorrer do tempo, vai se constituindo e formando por aspectos sociais. Cada processo evolutivo, a palavra vai ganhando novas modificações no significado de sua origem a partir da influência do contexto da enunciação de cada tempo histórico.

Nesse contexto, o sentido e o significado para a teoria da enunciação de Bakhtin serão necessários, porquanto, o autor relata que o enunciado não é o mesmo na produção da enunciação, tendo em vista, que a língua e as situações sociais mudam e assim os efeitos produzidos por determinados enunciados irão gerar significados distintos, e isto está relacionado ao contexto o qual o falante está dialogando. Segundo Pires (2002, p.38), “O fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema lingüístico faz com que as palavras manifestem valores ideológicos contraditórios, tendo o seu sentido firmado pelo contexto em que ocorrem. É a situação social imediata a responsável pelo sentido.”

3.2. DIALOGISMO E A RELAÇÃO COM O “OUTRO”

O dialogismo nesse interim de estudos do Círculo Bakhtiniano foi um dos conceitos explorados que busca explicar as relações dialógicas do eu e o outro em contextos imediatos ou remotos. Com isso, Pires (2002) afirma que Bakhtin não acreditava em um sistema fechado, mas sim, num sistema que possibilitasse a linguagem explorar o seu próprio uso na fala dos sujeitos por meio da interação social.

Nesse sentido, ainda sobre o conceito de dialogismo, Brait (2015) relata que

O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. E nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. (Brait, 2015, p. 94-95)

Ou seja, Brait (2015) afirma que o diálogo é fundamental na relação de língua e sujeito, pois, na perspectiva bakhtiniana, “o caráter dialógico é algo inerente à linguagem como um todo;” (Santos, 2015, p. 22). Desse modo, a relação de locutor e interlocutor será um dos aspectos que constituirá a linguagem nesse momento de interação, pois a forma como conduzem o discurso irá instituir diferentes sentidos para um determinado enunciado que, dependendo da situação dita, não será originado daquele contexto imediato da enunciação, uma vez que, a relação dialógica permite essa transição de diferentes dizeres, em diferentes épocas (Pires, 2002).

Por isso, é importante compreender antes de qualquer coisa, a relação de sentido e significado que são constituídos nas palavras que compõem o enunciado discursivo, a qual institui na configuração da interdiscursividade nessa base sócio-histórica. Isso posto, Brait (2015, p. 87-89) buscará, a partir dos estudos bakhtinianos compreender a relação de produção de sentido e significado, o qual vai em “direção de uma estética e de uma ética da linguagem, [...]”, ou seja, o pensamento de Bakhtin a respeito disso pretenderá, ainda segundo a autora, investigar as “formas e os graus de representação da heterogeneidade constitutiva da linguagem.”

Essa investigação engloba “a preocupação com dimensão histórico ideológica e a consequente constituição sócio-histórica das ideologias; a insistência na discussão de uma natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra;” (Brait, 2015, p. 89). Assim, essa preocupação

foi um dos índices que Bakhtin se utilizou para a reflexão do conceito de linguagem, como a inter-relação do sujeito com a sociedade e as influências ideológicas na linguagem que consolidou em estudos voltados aos processos enunciativos como interação verbal e social entre os sujeitos.

Com isso, a palavra será como principal mediadora nessa inter-relação de vozes na enunciação. Bakhtin (1993) assinala isso ao afirmar que

[...] a palavra, além de designar o objeto como algo que se torna presente, através da entonação (a palavra realmente pronunciada vem obrigatoriamente associada a determinada entonação que decorre do próprio fato de ser pronunciada), exprime ainda a minha atitude valorativa em relação ao objeto, positiva ou negativa, e, com isso, o põe em movimento, fazendo dele um elemento da eventualidade viva (Bakhtin, 1993, p.32-33 apud Brait, 2015, p.92)

A palavra, além de servir para expressar a voz e os sentidos produzidos, também carrega em sua forma a “*valoração social*” (Baronas; Tonelli, 2011, p. 270). Isto é, a palavra carrega em si o valor ideológico de uma sociedade, uma vez que, a palavra, segundo Brandão (1995, p. 05 apud Macedo, 2009, p. 04) “é o signo ideológico por excelência, produto de interação, por isso retrata as diferentes formas de significar a realidade.”

Nesse sentido, a palavra serve para figurar em determinados contextos as condições de uso que carregam significados que coajam a comunicação entre sujeitos. Com isso, a forma linguística, conforme descrito por Bakhtin (2006, p. 96) “sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. [...] (ou seja) A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.”

É nessa perspectiva que se subentende que a palavra é o encontro com o outro e com a palavra. Relembrando que a linguagem é dialógica, então a composição do dizer está no entrelaço das palavras ditas e compreendidas, as quais estão carregadas de sentidos diversos, que compõem o dizer rico em ideologias que molda o discurso do outro para formação de novos, pois “o pensamento do indivíduo é relacional, é composto por um ‘outro’ pensamento.” (Lima, 2018, p. 05)

3.3. A RELAÇÃO DO SOCIAL COM OS ENUNCIADOS

Como aponta Bakhtin (2006), o sentido explorado nas palavras será construído dialogicamente, a partir do contato entre as falas sociais. Isto significa que os enunciados são construídos a partir das situações comunicativas que os falantes se encontram, os quais considerarão as necessidades “cotidianas da vida ao passo que a própria língua se constitui como sistema de comunicação. Sendo a linguagem (verbal e não-verbal) uma atividade construtiva humana.” (Lima, 2018, p.06)

Desse modo, Bakhtin (1997) em sua obra “Estética da criação verbal”, pontua que os enunciados fazem parte de esferas comunicacionais que englobam as atividades humanas. O autor suscita que o enunciado

reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (Bakhtin, 1997, p. 279 – 280)

A possibilidade nesse campo dos gêneros discursivos em formar diferentes enunciados mediante a posição social que cada falante fala diante de suas especificidades abre o debate para a diversidade que emerge, dado que os enunciados são produzidos por diferentes grupos socioculturais, e isto influi na forma como a linguagem será utilizada e materializada nesses enunciados em ação ao “outro”.

Frente a esta questão dos enunciados e as relações sociais serem indissociáveis, dado que os sentidos são construídos a partir da comunicação entre indivíduos, Braga (et. al. 2023) trata como os contextos sociais podem influenciar no como a linguagem é materializada nos enunciados.

a linguagem em relação aos contextos sociais terá como objetivo descobrir quais são as normas linguísticas de uma comunidade, [...] Tudo indica que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem se fala. [...] Esses mesmos falantes, em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não conhecem, entre pessoas de posição hierárquica diferente, ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem, são capazes de adaptar sua maneira de falar e usar com maior frequência as variantes de prestígio, segundo as normas. (Braga, et. al., 2023, p. 59)

Nesse viés, compreendemos que o contexto social influencia nas normas linguísticas que serão utilizadas na conjuntura e que serão como reflexo das estratificações sociais da sociedade. Desse modo, pode-se notar que a língua sendo esse reflexo da interação entre as culturas, faz com que o processo enunciativo receba essas influências do contexto social que se refrata na intenção comunicativa no ato da enunciação.

Braga (2023) destaca “as variantes de prestígio”, que, nessa condição das produções enunciativas, coloca o falante em estado de estigma do próprio dizer. Tendo em vista que os falantes estão habilitados a se adaptarem a linguagem de prestígio, e isto, não impede que, mesmo a linguagem em questão seja tida como tabu, as pessoas ainda sim, farão uso dela em razão do prestígio social que vigora na sociedade, dado que, a linguagem tem esse aspecto ideológico e isto faz da língua um legado histórico das culturas (Bakhtin, 2006).

3.4. O TABU NAS DENOMINAÇÕES PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Considerando a perspectiva de relacionar a posição social que as pessoas com deficiências foram enquadradas durante a história das sociedades. Nos leva a questão, dos estigmas e recriminações que essas pessoas passavam em virtude de suas delimitações e como isso se caracteriza nos estudos do léxico por meio de tabus linguísticos. Desse modo, tomando o estudo lexical da língua, a qual será destinada, principalmente, a Lexicológica, a qual estuda o vocábulo e o seu significado que é empregado em mesmos termos, mas com diferentes acepções. Polguère (2018, p.49) em seus estudos sobre o léxico e a significação, afirma que a “Lexicologia é um ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas *lexias*.”

O léxico por ser objeto de estudo da Lexicologia, faz com que seus estudos se desdobrem sobre “os mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, considerando-se a dimensão social na análise da significação.” (Costa, 2016, p.43). Ou seja, procura analisar a significação empregada nas palavras faz com que seja necessário se debruçar sobre o processo que esse sentido foi construído. Já que conceitos são construídos e atribuídos socialmente, e isto se dá, principalmente por meio da língua que inova, documenta e traduz no léxico a história de uma sociedade, ou, para a presente pesquisa, os sentidos atribuídos as expressões empregadas a PCD.

E nisso, compreendemos que o sentido de um vocábulo por ser construído socialmente durante o tempo, nos leva a questão de que um léxico é “uma entidade abstrata que se obtém

por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua;” (Alina, 2014, p.23). Assim, se toda língua possui um léxico, e nesse sentido, toda comunidade de falantes possui um repertório lexical que dispõe de particularidades específicas de cada grupo situado socialmente, historicamente e discursivamente.

Nessa perspectiva, as palavras sendo unidades lexicais (Alina, 2014, p. 26) e tendo o contato com a diversidade linguística e social possibilita a transação de diferentes informações e conceituações de palavras no momento da enunciação. Pois, segundo Oliveira e Isquendo (2001, p. 13), o léxico “se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.” Ou seja, por meio da interação verbal, a linguagem formada por esse sistema lexical, o qual dispõe de unidades lexicais que se reportam a algo ou alguma coisa, terá como objetivo esse processo associativo das palavras a conceitos.

Nesse interim, se tomarmos as expressões manifestadas nos discursos passados a respeito das deficiências, veríamos que boa parte do acervo lexical dos grupos considerados dominantes daquela época, acabava por tomar pra si, concepções carregadas de preconceitos, com sentidos negativos e inferiores a pessoas com deficiência. E essas formas linguísticas se propagava ao ponto dessa variante considerada de “prestígio” ser tomada pelo restante da população, como maneira de estar por dentro das regras e padrões da sociedade.

Diante disso, a imersão do tabu e do estigma social voltado as pessoas com deficiências eram recorrentes dentro das estruturas sociais do passado, pelo fato, que esse fenômeno era tomado como algo de incomum e alvo de ataque. Dessa forma, Guérios (1979) afirma que o Tabu se trata de um objeto que para a sociedade se estrutura a partir das concepções que vão sendo propagadas e tidas como verdades pelos sujeitos. Ou seja, o tabu não se limita apenas no uso da língua, mas se expande na forma como nos posicionamos em pensamento e ações sobre uma determinada coisa.

Se é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a idéia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la? O recurso empregado são meios indiretos e meios diretos dissimulados, i. é, substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido. (Guérios, 1979, p.11)

Ou seja, o autor coloca a questão de existir diversos tipos de tabu, o qual classifica diferentes maneiras que os sujeitos utilizam para contornar ou evitar se falar de/ou algo. Um exemplo, quando envolve questões religiosas, os fiéis tendem evitar de falar palavras como “diabo”, pois para eles é como se atraísse essa figura maligna para próximo de si, ou por que,

remete a questão de que esse termo está relacionado com coisas ruins. Guérios (1979, p. 53) aponta isto, quando classifica o tabu em nome de espíritos malignos.

Evitam-se as palavras diabo, demonio, satanás. Os numerosíssimos nomes substituidores podem ser classificados assim: 1) os deformados, de propósito, fônica ou morfológicamente; 2) os metalexismos - que se subdividem - a) hipocorísticos (eufêmicos); b) antifrásticos ou irônicos; 3) disfêmicos; 4) qualificativos.

Isto é, o tabu dentro dessa categoria mais religiosa tende a ter diversas maneiras de recusa para falar determinada expressão. Um exemplo bem recorrente desses substituidores são os disfêmicos na fala de pessoas com mais idade ou de pessoas que tem um fanatismo religioso, os quais, evitam ao máximo enunciar a expressão de origem, recorrendo a expressões como, “bicho, bicho-preto, cão, tnhoso, cão-tnhoso, [...] o coisa, coisa-má, coisa-ruim, malvado, mofento, mofino, porco, sujo, danado, [...]” (Guérios, 1979, p. 55).

Nesse sentido, o tabu, segundo o autor, pode ser tanto uma palavra que é utilizada para se referir à determinada coisa, como também o comportamento que se tem sobre algo que é de descredito do sujeito. São muitas as categorizações e substituições utilizadas para temas que se apresentam na língua em virtude das demandas sociais que se atem aos discursos sobre o ideal, sobre aquilo que deve ser dito mediante as circunstâncias sociais que são expostos. É neste movimento que o tabu se estabelece, a partir de determinadas temáticas que toma certos objetos que são tidos como delicados para se discutir e que a todo custo são evitados, temidos, silenciados ou mesmo proibido de ser dito.

O tabu sendo parte das culturas dos povos, ele se estrutura a partir da construção dos povos. Desse modo, costumes, crenças e valores vão se moldando ao longo da história e criando um conjunto de ideias e ideologias que tornam as coisas do mundo real e sobrenatural positiva ou negativa. E essa relação linguístico-social do tabu é compreendida de diversas maneiras, pois, o não-dito como o dito dentro de uma sociedade é considerado tabu, e isto influencia de forma direta na maneira como as pessoas vão se organizando dentro de uma sociedade e naquilo que vai influenciar na credibilidade particulares de cada indivíduo até formarem uma moral que produza enunciados que favoreça a coletividade daquele pensamento.

Com base nisso, a exclusão de PCD no percurso da história traz marcas que ainda revelam essas cicatrizes permanentes de um passado aterrorizante. Essas marcas, muitas delas, se encontram concentradas na língua, nas formas como nos expressamos sobre algo considerado indesejado, sobre aquilo na qual não se quer falar.

Mediante isso, na contemporaneidade, ainda existem tabus acerca do assunto sobre deficiência, os quais, só podem ser avaliados a partir dos estudos do léxico que tem por objetivo revelar as verdades de uma sociedade. Pois em todas as línguas, seja em diferentes épocas e

com uma multiplicidade vasta em denominações, as pessoas se atêm aos efeitos provocados pelo tabu, seja na forma de amenizar uma situação por meio do uso de palavras técnicas, como também uma recriação destas palavras. E mesmo com as diversidades de sentidos que são atribuídos às palavras durante o tempo e as unidades lexicais de cada esfera comunicativa com os anos se modificam e restabelecem novos conceitos e significados, o tabu se apresenta nessas tentativas de não reproduzir aquilo que não pode ser dito.

Akmajian (el. al. 2001, p. 307 apud Xavier, 2021, p. 110) afirma ainda que “linguagem tabu é algo definido pela cultura, e não algo inerente à linguagem”. Assim, a esfera comunicacional que cada indivíduo se situa institui uma espécie de valorização das opções linguísticas, a qual se cabe mais ao contexto do uso da linguagem tabu. A autora ainda acrescenta quanto a este uso da linguagem tabu pode ser “estigmatizado, por um lado, e valorizado, por outro.”. (p.113) Com isso, percebemos como a linguagem tabu vai ganhando forças em uma sociedade, e como as palavras inofensivas começam a vigorar com um significado distorcido do real quando utilizadas por diferentes grupos sociais.

E, nessa perspectiva, voltando às questões desta pesquisa, podemos compreender a sócio-histórica das pessoas com deficiências nas épocas passadas, pois a maioria que se revoltava contra essas pessoas eram grupos com poderes corporativos, persuadindo assim as pessoas a terem fortes motivações a usar os mesmos termos para a designação pejorativas.

A relação de língua e sociedade/cultura faz com que haja diferentes formas de classificação daquilo que se vê e da maneira que isso se materializa por meio da língua. Como destacado anteriormente, o léxico é a marca que registra as mudanças obtidas na língua com o tempo, e isto faz que cada povo, com sua cultura, tenha especificidades distintas na construção do seu acervo lexical. Duranti (1997 apud Costa, 2016, p. 42) afirma isso ao dizer que “o modo como as línguas classificam o mundo é arbitrária, [...], que cada língua tem sua própria forma de construir um vocabulário que divide o mundo e estabelece categorias de experiência.”

Essas experiências estão em torno das características culturais e sociais construídas por uma determinada comunidade, que se utilizam de novas palavras e possibilita o crescimento do acervo dos lexemas de uma língua. Biderman (2001, p. 169-171 apud Costa, 2016, p.45) descreve que o lexema serve para “designar a unidade léxica abstrata em língua, (enquanto) a lexia, para a manifestação dessas formas no discurso.” Ou seja, um determinado grupo social se abstém de um acervo linguístico vital a suas práticas culturais, religiosos, etc, que são construídas a partir dessas experiências, gerando assim um acervo de palavras que para o

contexto de fala desse grupo a significação pode ser algo diferente da construída por outro grupo social.

O vocabulário de um povo é rico justamente por guardar especificidades próprias de sua comunidade, sendo assim, Costa (2016, p. 46) afirma que o vocabulário “é um conjunto de lexias de que o falante faz uso para se comunicar; ou seja, é um recorte do léxico.” Isto é, o homem categoriza (organiza) o mundo a partir das palavras e essas palavras são organizadas pelos significados que o homem dá às coisas. É um processo natural que nasceu a partir da própria história do homem. Por isso é que o léxico revela o conhecimento do homem sobre o mundo.

Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. Assim, podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto, os símbolos, ou signos linguísticos, se reportam ao universo referencial. (Oliveira; Isquardo, 2001, p. 13 14)

Com isso, nos estudos do léxico podemos encontrar nas expressões terminológicas, marcas lexicais na forma como os falantes se utilizam da linguagem mediante os tabus estigmatizados por grupos socialmente prestigiados, no contexto e os significados atribuídos às palavras tendo como referente social, um determinado grupo – as pessoas com deficiência, no nosso caso.

A sociedade, nessa perspectiva, como já mencionado anteriormente, vem alterando nomes, ideias e discursos sobre povos considerados à margem, como as pessoas com deficiência, e isto, conforme Xavier (2021, p111) leva a um processo em que os discursos tabuizados escondem uma mentalidade antiga e retrógrada que se mantém a partir das palavras e denominações usadas para fazer referência aos indivíduos com deficiência. Esse contexto aponta para o fato de que “Ainda que a linguagem tabu esteja associada a um contexto de proibição, esta mantém-se no discurso dos falantes.” Ou seja, apesar das ideologias em torno da língua de prestígio ser considerada a “certa”, a que deve ser “exemplo”, ainda sim, resta vestígios dessa convicção em nosso meio, motivando assim, que as pessoas em nossa sociedade ainda utilizem palavras de modo a associá-las a uma noção negativa que está cristalizada no léxico. É importante lembrar o que comenta Orsi nesse sentido:

[...] a linguagem faz parte da história social de um grupo social e é expressa por palavras que formam o sistema lexical de uma língua e, consequentemente, de um povo. Logo, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala. (Orsi, 2012, p. 164)

Desse modo, com base no percurso feito até aqui, compreendemos que a língua é um veículo importante que nos fornece informações das histórias dos povos, além de demonstrar como a marca linguística gera várias situações e mudanças no decorrer do tempo, concedendo assim, a proliferação de diversas concepções sociais distintas, as quais se ampliam de forma a performatizar nos discursos, sobretudo, em uma posição hierárquica favorável, expressões odiosas ou afetivas que fica a depender da cultura e das formas linguísticas que cada membro do grupo a adaptará em seus atos de fala (Butler, 2021).

Nesse sentido, por isso nos interessa neste trabalho investigar as marcas de discursos anteriores cristalizado no léxico e que, ainda hoje, revelando um olhar que persiste e que precisa ser repensada em prol de uma sociedade mais inclusiva e que reconheça melhor as limitações naturais de todos os indivíduos.

Concluído esta parte sobre a base teórica do trabalho, no próximo capítulo, será apresentada a base metodológica deste estudo, a qual discorrerá o percurso traçado na etapa de análise do corpus investigado.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se o caminho adotado nesta pesquisa para seguir cada etapa da pesquisa relatada neste trabalho. Para isso, serão apresentadas, a seguir, subseções que versam sobre os métodos de análises, procedimentos e os objetivos propostos escolhidos para os resultados obtidos que serão apresentados mais à frente.

4.1. Método de Análise

Quanto aos seus objetivos, esta é uma pesquisa descritiva, considerando que esta pesquisa tem como foco a descrição do léxico da língua portuguesa e entender suas características e elenca a problemática da pessoa com deficiência o ponto de partida, tendo em vista que, por esse prisma, os estudos sobre essa temática ainda são pouco.

Diante desse ponto, parte-se para observação de casos linguísticos concretos, com o objetivo de formular hipóteses que justifique ou leve a compreensão de quais os mecanismos sociais que levam as pessoas, enquanto sujeitos de uma cultura, se utilizam da língua para continuar ou não ideias e ideologias passadas.

A análise teve uma abordagem qualitativa, considerando que esse método foi favorável para essa investigação descritiva dos dados, já que o propósito gira em torno da compreensão mais aprofundada e significativa dos dados coletados a respeito das formas e expressões que os sujeitos se utilizam no momento de sua enunciação para se referir a categoria de pessoas com alguma deficiência. Além disso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre teóricos que circulam por essa área da perspectiva social da pessoa com deficiência em diferentes épocas, como de escritores que focam seus estudos na base léxica de uma língua, para se compreender de que forma os sentidos vão sendo empregados em determinados termos e como essas expressões vão se fragmentando ou se regenerando em sentidos cada vez distintos ou semelhantes no decorrer do tempo. Cabe ressaltar que também foi utilizado a teoria dialógica de Mikhail Bakhtin para entender os mecanismos dialógicos presentes nos enunciados e resposta dos participantes desta pesquisa.

Diante do apresentado, a escolha da pesquisa ser de cunho qualitativo parte principalmente da ideia da objetivação do *corpus* estudado, de modo, a que essa temática ressuscite a reflexão social sobre as formas utilizadas na língua para denominar certas delimitações. Segundo Minayo (2002, p.22 apud Sousa, 2019, p. 89) “a abordagem qualitativa

aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

É também relevante destacar que a pesquisa também tem, do ponto de vista dos seus objetivos, um caráter exploratório, tendo em vista que tem como fonte entrevistas que teve por roteiro um questionário, com o propósito de investigar as concepções que os sujeitos ainda têm sobre esse grupo social.

4.2. O *Lócus* da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Alto Alegre do Maranhão, cidade que fica a 212km da Capital do Maranhão, São Luís. A escolha da cidade partiu da condição que os números de crianças e adultos com alguma deficiência têm crescido, principalmente nessa região do Nordeste. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicado no site de notícias da Globo apontam que “os maiores percentuais da população com deficiência em 2022 foram mulheres, pessoas autodeclaradas pretas e na *região Nordeste*, com cerca de 10,3% o que equivale a 5,8 milhões de pessoas”.⁴

Diante disso, com esse acréscimo número de pessoas com alguma delimitação no Nordeste, o qual tivemos por foco, principalmente, o estado do Maranhão, que geograficamente foi o estado onde foi realizado a coleta de dados na cidade de Alto Alegre – MA⁵. A escolha desse município se deu em virtude de ser uma região pouco explorada por estudiosos e haver um número de PCD. Foi observado que a partir da implementação de espaços focados para o atendimento deste público, contando com salas de apoio educacional como o AEE e APAE, além também dos serviços de profissionais atuantes na área da saúde cujas consultas e tratamento são ofertados gratuitamente nos espaços públicos do município, a movimentação de PCD na sociedade aumentou.

Com esse contexto voltado para o atendimento de pessoas com deficiência à sociedade altoalegrense, foi possível observar o crescimento de notificação de pessoas com deficiência no município, considerando que agora há assistência e não é preciso o deslocamento para outras cidades em busca de acompanhamentos médicos com tanta frequência como antes.

⁴ **Brasil tem 18,6% milhões de pessoas com deficiência, cerca de 8,9% da população, segundo IBGE.** G1, 07 de jul. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/07/07/brasil-tem-186-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-cerca-de-89percent-da-populacao-segundo-ibge.ghtml>.

⁵ **Localização** da cidade de Alto Alegre do Maranhão. Google Maps. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/t7n8y6u7TjcumRuS9>.

Diante disso, ainda sim, encontrar na fala da população palavras sendo usadas de formas agressivas relacionadas às capacidades motores/cognitivas das pessoas com deficiência. Esse uso recorrente revela um olhar de julgamento, uma discriminação social, uma descredibilidade sobre as capacidades que o indivíduo com deficiência tem como cidadão e como participante de uma sociedade.

E, mediante essas questões, surge a necessidade de uma investigação nas falsas práticas de inclusão praticadas por indivíduos que dizem “não ter preconceito”, mas que, no dia a dia, sua prática linguística revela suas impressões, sua moral, sua crença, ou melhor, sua ideologia.

E, com base nisto, buscou-se, em Alto Alegre MA, observar as expressões linguísticas que os sujeitos se utilizam quando tomam por referência alguém com deficiência, de modo a verificar se, em seus discursos, carregam marcas cristalizadas de uma época em que a diferença era vista como “problema” e que deveria ser exterminada.

4.3. Participantes da entrevista

Os participantes da pesquisa foram organizados em duas categorias, que têm por característica o tempo de experiência e de conhecimento sobre esse determinado assunto, ou seja, a idade; como a escolaridade. Tendo em vista que a escolha dessa delimitação é de importância para distinguir ou relacionar as concepções que as duas categorias de sujeitos têm sobre a determinada temática, buscando de forma a observar a hipótese de que pessoas mais velhas conservam denominações ou discursos mais conservadores do que as pessoas mais jovens.

Desse modo, a delimitação da faixa etária entre as categorias está em torno, primeiramente do público jovem, de 18 a 25 anos e de pessoas mais velhas, de 50 a 70 anos, totalizando vinte participantes, dez para a primeira categoria e dez para a segunda categoria. Além desse aspecto na idade, há também o nível de escolaridade, que está desde pessoas sem escolaridades até as que concluíram o ensino médio. Na pesquisa, participaram indivíduos que não têm escolaridades, outros apenas com o pré-escolar, ou com o ensino fundamental incompleto e com o nível médio completo, os que aparecem nessa categoria de E.M incompleto é por que ainda estava estudando.

O assunto sobre os dois tipos de deficiência será distribuído entre dois questionários, que foram aplicados a pessoas com faixa-etária e escolaridade diferentes entre os 20 participantes. Assim, foi dividido da seguinte forma: cinco jovens responderam perguntas relacionadas à deficiência física e mais cinco foram perguntados a respeito da deficiência intelectual. Do mesmo modo, ocorreu com a categoria de pessoas mais velhas.

A seguir, vejamos um quadro com o perfil de dadas categorias delimitadas para esta pesquisa.

As *categorias* 1 é destinada ao público de faixa etária entre 18 à 25 anos, enquanto a *categoria* 2 são para as pessoas de 50 à 70 anos de idade. Além das siglas P1, P2... que são para designar os *participantes* dessa categoria.

QUADRO 1- PARTICIPANTES JOVENS

Participantes	Idade	Escolaridade	A deficiência que cada participante ficou para responder no questionário
P1	24	Ensino médio completo	D. Física
P2	24	Ensino médio completo	D. Intelectual
P3	22	Ensino médio completo	D. Intelectual
P4	22	Ensino médio completo	D. Intelectual
P5	24	Ensino médio completo	D. Intelectual
P6	25	Ensino médio completo	D. Física
P7	25	Ensino médio completo	D. Física
P8	18	Ensino médio incompleto	D. Física
P9	18	Ensino médio incompleto	D. Física
P10	25	Ensino médio completo	D. Física

Fonte: Autora (2024)

QUADRO 2- PARTICIPANTES MAIS VELHOS

Participantes	Idade	Escolaridade	A deficiência que cada participante ficou para responder no questionário
P1	53	Ensino médio completo	D. Física
P2	65	Sem escolaridade	D. Intelectual

P3	64	Ensino fundamental incompleto	D. Física
P4	70	Ensino médio completo	D. Intelectual
P5	66	Ensino primário incompleto	D. Física
P6	56	Ensino primário incompleto	D. Física
P7	53	Ensino fundamental incompleto	D. Física
P8	50	Sem escolaridade	D. Intelectual
P9	50	Ensino fundamental incompleto	D. Intelectual
P10	70	Sem escolaridade	D. Intelectual

Fonte: Autora (2024)

Vale destacar que, por se tratar de uma pesquisa que envolva a opinião e posição de um sujeito com valores sociais, todas as respostas fornecidas pelos indivíduos tiveram por consentimento a permissão das gravações realizadas.

4.4. Instrumento de coleta

Para a coleta de dados, foram utilizados dois questionários com perguntas relacionadas aos dois tipos de deficiência – intelectual e física - além do gravador do celular para registro dos áudios. Esse questionário foi utilizado como forma de roteiro para a pesquisadora, no momento da entrevista, considerando que o propósito foi deixar o entrevistado mais confortável possível ao responder sobre o assunto. Desse modo, as perguntas contidas no questionário possui uma estrutura mais livre e podiam ser reformuladas ou acrescentadas novas perguntas mediante o contexto sociocultural que o participante estava inserido no momento da entrevista.

O questionário como roteiro foi importante para nortear o pesquisador como deveria mediar o tema de forma mais natural possível, permitindo que o entrevistado pudesse comentar mais além daquilo proposto no questionário, mas que estivesse relacionado com o tema.

As respostas da maioria dos participantes iam sempre pelo viés familiar ou de conhecimentos básicos que têm sobre o assunto. Essa maneira mais espontânea de extrair a opinião que os indivíduos têm sobre a deficiência, possibilitou a observação de forma mais precisa em seus dizeres o diagnóstico de conhecimento que possuem sobre a temática e como tratam esse conhecimento no momento de enunciação.

As perguntas do questionário (estas se encontram na figura 1, no subtópico 4.5. das etapas da realização da pesquisa) foram pensadas de modo a colocar o entrevistado em uma

situação que o faz pensar e, ao mesmo tempo, observa suas práticas para observar possíveis desvios. Isto é, considerando que os participantes ficaram cientes sobre as gravações, foi feito um esforço no sentido de não deixar que houvesse uma politização da forma como diria tal coisa a respeito desse assunto, pois a sociedade já é ciente sobre a delicadeza que este assunto tem, principalmente quando é abordada para pesquisa no eixo educacional. Diante disso, as perguntas foram embasadas pensando nessa realidade e colocadas como testes para observação desses cuidados que os participantes teriam no momento de resposta.

Com essa proposta, acredita-se que o *corpus* do trabalho teve como resultado as análises feitas levando em conta esses cuidados que os participantes tiveram, mas que até com estes cuidados tomados, foram possíveis observar as expressões linguísticas que soltavam descuidadamente, de modo a distinguir em seus discursos o preconceito, a discriminação e o tom de chacota que faziam sobre as pessoas com deficiência.

E é por meio dessa fragmentação despercebida que se consegue analisar a real percepção e relação que o indivíduo tem sobre o grupo de pessoas com deficiência na sociedade. E isto destaca o objetivo desta pesquisa, que é a investigação das expressões que são retomadas como referência para designação da PCD, de forma a trazer a tornar nesses termos a base formadora e de significações que esses sujeitos tiveram contato para formulação de suas concepções.

4.5. Procedimentos: etapas da realização da pesquisa

Nesse subtópico, pretende-se descrever as etapas e os métodos adotados para essa pesquisa, com o sentido de responder ao problema central, que é observar “como as designações destinadas as pessoas com deficiência física ou intelectual, em dias atuais, são empregadas? E se estas carregam a mesma concepção propagada a séculos passados, em que o preconceito com as pessoas com deficiência era oficial”. Além de compreender essa questão a partir dos discursos proferidos pelos sujeitos, tem também o objetivo de comparar os dados apresentados pelos grupos selecionados, que, por serem de gerações diferentes, permitem a verificação de um discurso moralista da qual foram expostos em determinadas épocas, e se estas, se enraizaram em suas perspectivas atualmente sobre a PCD.

O primeiro momento da pesquisa foi a delimitação do tema junto com o orientador, além das discussões acerca do objeto e a delimitação dele. No segundo momento, partiu-se para a pesquisa e revisão bibliográfica sobre a historicidade da pessoa com deficiência em diferentes sociedades, com o propósito de afirmar a hipótese levantada inicialmente. Após a absorção e

revisão sobre como a PCD teve seus direitos vituperados e ameaçados pela sociedade, criou-se, então, o projeto e roteirização das perguntas pensadas com o propósito de extrair dos sujeitos a real ideologia que é propaga em seus discursos. Diante disso, pensou-se em perguntas que contextualizasse o sujeito do assunto, que propusesse a falar de forma a demonstrar a distinção entre deficiência física e intelectual; perguntas que não enunciasses termos designadores das deficiências, com o objetivo de que não os fizessem se apropriar de tais termos e recorressem somente a estes com o receio de expor os que realmente usam; apontar o que ouvem de terceiros a respeito de PCD, como de deixar livre para falar sobre esse assunto relacionando a diversos âmbitos que achar melhor.

A elaboração dessas perguntas durou cerca de um mês, as quais foram transformadas em questionário para aplicação nas entrevistas. Para os dois tipos de deficiências delimitadas, teve dois questionários para as duas, ambos contendo as mesmas perguntas, mudando apenas o objeto (A seguir, segue a figura com as perguntas no formato de questionário).

Figura 1- questionários aplicados no momento da entrevista

Questionário 1 (Deficiência física)

Identificação (Nome – Idade – Escolaridade)

- 1- Como você acha que é a vida de pessoas que nascem com o diagnóstico de perdas dos movimentos corporais, fazendo com que tenha delimitações motoras?
- 2- Você acha que a sociedade está preparada para adaptação desse público?
- 3- O que você acha sobre a dificuldade enfrentada por esse público no quesito de acessar serviços básicos, como saúde e transporte?
- 4- Como você enxerga a importância do papel da família e dos amigos no apoio a estas pessoas?
- 5- E o que você acha do ensino no âmbito escolar direcionado a essas pessoas?
- 6- Você acha que a educação está de fato cumprindo com seu papel de incluir essas pessoas no ambiente escolar?
- 7- Hoje existem profissionais especializados que atendem este público tanto na área da saúde, como na área da educação principalmente. Por que você acha que essas pessoas devem ter esse tipo de acompanhamento?
- 8- Sobre agressão, sabemos que pode acontecer de serem dirigidas diretamente aos mesmos tanto de forma verbal como também física. Por que você acha que isso acontece?
- 9- Quais tipos de termos/nomes desrespeitosos ou preconceituosos, você já ouviu de outras pessoas ao se referir a este público?
- 10- E você, quais termos você utiliza ao se referir a essas pessoas?

(Pode acrescentar perguntas mediante a necessidade ou condução que a entrevista tomar sobre o assunto)

QUESTIONÁRIO 2 (Deficiência intelectual)

Identificação (Nome – Idade – Escolaridade)

- 1- Em seu ponto de vista, o que você acha de pessoas que nascem com alterações no seu desenvolvimento cerebral, fazendo com que tenha dificuldades em realizar atividades básicas de sua vida?
- 2- Você acha que a sociedade está preparada para adaptação desse público?
- 3- O que você acha sobre a dificuldade enfrentada por esse público no quesito de acessar serviços básicos, como saúde e transporte?
- 4- Como você enxerga a importância do papel da família e dos amigos no apoio a estas pessoas?
- 5- E o que você acha do ensino no âmbito escolar direcionado a essas pessoas?
- 6- Você acha que a educação está de fato cumprindo com seu papel de incluir essas pessoas no ambiente escolar?
- 7- Hoje existem profissionais especializados que atendem este público tanto na área da saúde, como na área da educação principalmente. Por que você acha que essas pessoas devem ter esse tipo de acompanhamento?
- 8- Sobre agressão, sabemos que pode acontecer de serem dirigidas diretamente aos mesmos tanto de forma verbal como também física. Por que você acha que isso acontece?
- 9- Quais tipos de nomes desrespeitosos, pejorativos e até mesmo preconceituosos você já ouviu de outras pessoas ao se referir a este público?
- 10- E você, que termos se utilizam para se dirigir a essas pessoas?

(Pode acrescentar perguntas mediante a necessidade ou condução que a entrevista tomar sobre o assunto)

No terceiro momento, após a conclusão do questionário, chega o momento da aplicação do questionário em campo, a realização das entrevistas. Como instrumento de gravação, foi utilizado celular e o google drive para armazenamento das gravações, além de uma agenda para registrar idade e escolaridade dos participantes. Esse processo durou cerca de quatro meses.

Após a recolha, os dados foram analisados considerando aspectos linguísticos e extralinguísticos, além do aspecto dialógico, que nos auxilia pensar nas identidades ideológicas presentes no discurso sobre a pessoa com deficiência. Para isso, foi utilizado o pensamento Bakthiniano, sobre os discursos serem sempre retomados por outros discursos, isto é, uma concepção formada em um dizer se perpassa para outro dizer, mesmo havendo reformulações, ainda sim, persiste o ponto central dessa premissa que é interpelada de gerações para gerações.

Diante desses aspectos, considera-se ainda os conceitos de sentidos ou lexias, focando principalmente na ciência lexicológica, a qual se propõe estudar os sentidos empregados em certos termos de modo a verificar a construção desse sentido mediante o contexto o qual está inserido, ou melhor, analisa o sentido de uma mesma palavra e as variações que pode sofrer em diferentes períodos. Para leitura e compreensão dos conceitos entre si, levou cerca de cinco meses.

Por última etapa, a retomada dos dados coletados e análise das expressões linguísticas utilizadas pelos participantes.

5. ANÁLISE

5.1. Um olhar para as designações apresentadas pelos participantes

Diante do exposto anteriormente, fica claro que a PCD, durante séculos, viveu de forma fragilizada em consequência das concepções ideológicas que as sociedades passadas desenvolveram e que, ainda hoje, apresentam inúmeros modos de manifestações. Essa forma de organização social ocasionou o sofrimento de milhares de pessoas com diferentes tipos de deficiência física e mental e que foram consideradas como marginais e excluídos do convívio social. Essa mentalidade que se propagou ao longo dos séculos tem como um dos principais vinculadores a língua.

Atualmente, as ocorrências diminuíram, mas não desapareceram. Em um espaço ou outro, são ouvidos discursos capacitistas e preconceituosos, muita das vezes, até o silêncio e o comportamento perante certas situações revelam a postura do indivíduo, além da recusa de emitir alguma opinião sobre a temática, que é ainda estigmatizada. Essas são apenas algumas das formas de manifestação do tabu relacionado às PCD. Conforme as leituras utilizadas para embasamento teórico sobre o tabu linguístico, compreendemos que até mesmo aquilo que não é dito, eventualmente, é manifestado de outra forma, retratando uma posição de esquivamento e silenciamento, no qual desmascara a verdadeira origem daquilo que realmente a pessoa crê.

Mediante isso, a partir da coleta dos dados para este estudo, foi possível observar como o tabu linguístico está presente no dia a dia e como as pessoas evitam falar palavras que, em seu entendimento, possa existir uma carga significativa pejorativa em contextos de formalidade, justamente por medo da percepção social que essa manifestação pode causar a sua posição de sujeito. Isso só enfatiza o fato de que o passado, mesmo que indiretamente, é tão presente nas interações do cotidiano.

Após a contextualização sobre como expressões pejorativas são utilizadas pelas pessoas para manifestar a repulsa ou qualquer outra expressão de sentimentos que se têm a uma pessoa com limitações físicas ou mentais, a seguir, será apresentado os dados obtidos na entrevista realizada com duas categorias de faixa etária diferentes, com foco de observar a/as denominação(ões) mais presente e recorrente nos dias atuais, não deixando de frisar também, as manifestações que foram expressadas de formas que não fossem as verbais, pois como já foi mencionado, o não-dito também expressa algo já dito.

No quadro 01, a seguir, apresentamos denominações apresentadas nos discursos dos participantes, as quais estão organizadas de forma decrescente. A coluna a esquerda, trata-se da quantidade de pessoas que falou determinada expressão que se encontra na coluna do centro do quadro, enquanto a coluna a direita denota o número de vezes que tal expressão foi citada pelos participantes que a utilizaram nas entrevistas. As expressões do quadro apareceram em diferentes momentos da entrevista com os participantes.

Quadro geral 01 – Expressões usadas em Alto Alegre do Maranhão a respeito da PCD

Quantidade de participantes que utilizaram as expressões no discurso	Expressões	Número de vezes citadas
12	Doido/ doidinho / Maluco / louco / “Não gira ou bate bem da cabeça” / Parafuso a menos / Perturbado/ Lesado/ Peidado / “meio assim lelé ”/ retardado.	39
10	Pessoa deficiente	29
07	Autista	24
08	“Algum problema ”/ “já nasce com problema ” / Problemas psicológicos / Problema de saúde mental / Transtorno mental.	29
08	“Pessoa normal” / “Vai ficar normal do jeitinho de nós” / “Normal, sadia.” / “ Não é normal não.”	19
06	Aleijado / aleijadinho (a)	17
06	Deficiência nas pernas/ Perna Torta / enrolada/ Perneta/ Saci / deficiente móvel (sem perna) / Perninha fina / Perna mole / “Andar meio torto”	12
06	Especial	9
05	Pessoa com deficiência	11
05	Tipo de deficiência	7
05	Cadeirante	6
04	Deficiência	15
04	Cega / tralhoto (cego de um olho) / deficiência visual	11
04	“Tem uma doença” / doente.	08
03	“Até melhor dos que é bonm... ” / “Nós que somos bonzinhos , graças a Deus!”, “Melhor do que nós, que somos bonzinhos	09

	da cabeça.”, “quando dá de jogar pedra nas mães... é uma coisa boa? ”	
03	Diferente	07
03	Pessoa que tem dificuldade	05
03	Pessoa sem o braço	04
03	“Pessoas que não sabe lidar com esse tipo de/ essa coisa... ”	03
03	Bocó	03
02	“sofre de ansiedade” / Depressão	06
02	Manco	05
02	“Pezinho meio curvado” / “Que anda com o pezinho pra riba”	04
02	Bichinha veia	03
02	“Pessoas que tem alteração ” / “ Alteração maior ”	03
02	“Defeito dele”	02
01	“Atarantado do juízo”, “já tava com o juízo oh (...)”, “é ruim porque tá no juízo”, “a gente não pode botar todo dia no colégio porque, oh (...)”	09
01	Arreliado / agitado	06
01	Batoré / Jabuti da Xuxa	04
01	Deficiência intelectual	03
01	Delimitação	03
01	Crianção	02
01	Paralisia infantil	02
01	Deficiência física	02
01	“menino que tem TDAH...”	02
01	“nossa perfeita saúde...”	01
01	Síndrome Down	01
01	Cacunda	01
01	Pé de veado	01

Fonte: autoral, 2025

Como se pode observar, as expressões mais comuns estão relacionadas à deficiência mental e motora, como se pode observar nas expressões “*doido/doidinho*”, “*peessoas deficiente*”, “*autista*”, “*peessoas normais*”, “*problema*” e “*aleijado*”. Essas são as primeiras expressões que foi decidido se olhar, considerando que teve um número maior de ocorrências na fala dos participantes. De um modo geral, todas as expressões presentes no quadro 01 foram tidas como formas de designações em que os próprios participantes se utilizaram para se referenciar à pessoa com deficiência, como também para relatar expressões que outras pessoas usavam. Sendo que “*doido/doidinho*” foi a mais recorrente no discurso das pessoas e “*pé de veado*” a menos frequente.

Como o número total de participantes foram 20, será considerado, neste primeiro momento, apenas as expressões que estão no ranque das seis mais utilizadas pelos participantes, com o propósito de analisa-las no sentido de observar quais possíveis discursos estão por trás dessas denominações. Para apoiar a leitura a respeito dos significados de tais lexias, serão utilizados dois dicionários da língua portuguesa em formato digital que são, o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa e o dicionário eletrônico Caudas Aulete. Além de outras fontes digitais (sites), que englobam informações que ajudará a complementar o significado em torno das palavras.

Doido/doidinho...

A expressão *doido* ou variantes, como foi apresentado na tabela acima, teve o maior número de recorrências em nosso *corpus*. Segundo a leitura realizada com auxílio dos dicionários digitais, a expressão carrega uma variedade de significados dependendo do contexto a que é empregada. O dicionário Caldas Aulete, por exemplo, informa que pode ser um adjetivo quando atribui uma característica a alguém como em “*Doido de alegria; doido de amor.*”, nestes contextos, a denominação tem uma acepção positiva, ao contrário deste outra acepção “*que perdeu a razão, falta de juízo, louco, alienado*”. Como observado, o contexto e para quem se destina influi muito na acepção selecionada do sentido de uma palavra.

Em nossos dados, a expressão *doido* foi empregada como um substantivo masculino com o sentido de alguém “*que perdeu o uso da razão; demente, louco, maluco*” (Michaelis), isto é, foi utilizada com a acepção pejorativa, tendo em vista o contexto e o tópico discursivo no contexto. Além de se observar que as pessoas atribuíam essa expressão pelo fato de assemelhar esse comportamento a alguém com deficiência pelo fato de agir de uma forma não condizente para os padrões que consideram como normais. Essa abertura em falar uma expressão que causa um certo espanto ou tabu, na maioria dos casos vistos durante a entrevista,

se deu a partir de uma pergunta que não se dirigia diretamente a eles, mas sim, a terceiros, através do seguinte questionamento: “Quais tipos de nomes desrespeitosos, pejorativos e até mesmo preconceituosos você já ouviu de outras pessoas ao se referir a este público?”.

Por meio dessa indagação, foi notável a abertura dos participantes em responder sem medo, ficando compreensivo da forma como respondiam a ideia de que “não sou eu que digo, mas o outro” e, por isso, não havia “problema” em dizer as expressões que estavam acostumado a ouvir no dia a dia.

Pessoa deficiente

O termo deficiente é um adjetivo de origem do Latim *deficiens*, que diz respeito a algo “que apresenta alguma deficiência; falho, imperfeito, incompleto” (Michaelis; Caldas Aulete). Esse termo ganhou notoriedade quando a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), em 1976, declarou que o ano de 1981 seria destinado como o ano Internacional das pessoas deficientes⁶. Essa proclamação teve por premissa a ideia do início da participação plena e de igualdade das pessoas com alguma delimitação na sociedade. Desde então, a terminologia adotada pelo órgão se alastrou de forma que a população tomasse para si e compreendesse que tal termo era o politicamente “correto”.

Nas entrevistas realizadas na cidade de Alto Alegre MA, a denominação “*deficiente*”, foi a segunda mais frequente nos discursos das pessoas. Esse termo era mais frequente quando as respostas das pessoas era para dar exemplos ou para falar de alguém com deficiência que conhecia. A seguir, será apresentado um trecho de uma das respostas dos participantes que falaram essa expressão ao ser questionada se a educação está de fato cumprindo com seu papel de incluir essas pessoas no ambiente escolar.

“Tem muitas escolas que não tem aquela calçadinha pra pessoa *deficiente*, [...]”

Jovem, 25 anos, ensino médio completo.

Como o exemplo demonstra, o termo *deficiente* aparece nesse contexto para se referir a alguém com deficiência e, pela postura que o participante respondeu durante a entrevista, foi perceptível que ele compreende que esse termo *deficiente* é o correto e o mais neutro possível. Em certos momentos, foi notável seu desconforto e receio quando havia a necessidade de dar

⁶ Disponível: <https://library.org/article/internacional-pessoas-deficientes-aipd-internacional-pessoas-deficientes-proclamado.y96gmrvy>. Acesso em: 05 de jan 2025. (site: Library)

uma denominação às pessoas com alguma deficiência, pausando antes de responder ou se utilizando apenas de pronomes, como maneira de policiamento das expressões que enunciava. No entanto, mesmo com a cautela em não manifestar expressões pejorativas, esse termo *deficiente* já é inapropriado, pois se trata de um adjetivo que caracteriza o sujeito, ressaltando a condição física, como se fosse algo de único e que todo seu corpo fosse deficiente. De acordo com Rodrigues e Lima (2017, p.23), o termo “deficiente” surge no século XX, mas, “Atualmente a denominação a ser considerada é pessoa com deficiência”, tendo em vista que sua condição é algo permanente, mas não é parte de sua identidade enquanto pessoa.

Desse modo, isso só evidencia que as pessoas por medo de utilizar as expressões pejorativas, que até a década de 80, eram utilizados termos como aleijado, defeituoso, incapacitado etc. procuram utilizar apenas as formas consideradas padrão para não utilizar os termos que coloque-os numa postura de discriminação, isso faz com que as pessoas se politizem com frequência e denota, principalmente, a falta de busca de conhecimentos sobre as atualizações que ocorrem na lei brasileira de inclusão (LBI). Esse comportamento, de seleção e cuidado em nomear uma palavra é um claro sinal de tabu linguístico.

Autista

A terceira denominação em mais uso foi autismo. É uma curiosidade que se apresentou durante as entrevistas é que este termo se apresentou para denominar qualquer coisa que uma pessoa tenha de “diferente”, que esteja fora do comum. As 07 pessoas que falaram o termo, utilizaram como forma de “escape” para não dizer outras expressões que fossem mais pejorativas, outras demonstraram que tem conhecimento apenas do autismo pelo fato de atualmente o número de pessoas autistas passarem a ser mais identificadas na sociedade e, por isso, todo o comportamento incomum passa a ser denominado como autismo. Cumpre observar, com isso, um alargamento do termo autismo, que passa a denominar qualquer pessoa com problemas de comportamento.

Uma das participantes, ao ser questionada se conhecia alguém com alguma deficiência, relatou um caso: “Na quadrilha que danço, [...] tem uma menina que tem ansiedade e inclusive quando ela tá chorando, chamam ela de *autista e lesada*.”. Com esse exemplo, fica claro que o conhecimento a respeito do autismo é pouco, se utilizam da deficiência como forma de categorizar uma reação própria e normal do ser humano a reagir a situações que causam preocupações, frustrações etc. E sendo que o autismo é mais complexo, pois abrange o sistema neurológico, causando um distúrbio no desenvolvimento e afetando áreas da comunicação,

comportamentos que são restritos, entre outros. E isto, acaba sendo comparado aos sintomas de depressão ou ansiedade pelas pessoas.

Segundo o dicionário Caldas Aulete, o autismo é um “estado mental patológico que leva a pessoa a fechar-se em seu próprio mundo, alheando-se, em grande medida, do mundo exterior.”. Essa definição tende a se confundir com os sintomas da ansiedade e depressão, e ocasiona confusão de compreensão a respeito do que seja autismo.

O termo autismo surgiu “com o psiquiatra suíço Eugen Bleuler, por volta de 1910, sendo o termo ‘pensamento autista’ a forma de raciocinar dos pacientes esquizofrênicos, isto é, eles se desligam do mundo exterior para ir para um mundo próprio. (Louzada, 2024, p. s/n). O autismo, desde a muito tempo, é estudado para compreender e distingui-lo das demais deficiências. Tendo em vista que, anteriormente, nas sociedades passadas, pela falta de estudos e conhecimento, as pessoas eram consideradas como doidas, doente mentais e até esquizofrênicos, ainda conforme Louzada (2024).

E mesmo atualmente, com o grande avanço em estudos, ainda esses comportamentos são confundidos e tomados como pejorativo. Isto é devido ao desconhecimento que se tem e do estigma que ainda perpetua na sociedade, fazendo com que creiam que autismo é doença, é loucura, e isso se manifesta como tabu, pois a mentalidade social gira muito em torno de que a presença de algo que é considerado incomum em uma pessoa é autismo.

“Pessoa normal”

No ranque, a expressão “*normal*” ocupa a quarta posição, tendo sido citada 19 vezes. Interessante fazer uma leitura etimológica a respeito dessa denominação para se verificar o significado imbricado nessa palavra “Normal”. Tem sua origem no Latim “*normalis*”, que segundo o dicionário Aulete, é algo “que é segundo a norma ou padrão”.

Essa ideia de padrão, dentro das antigas sociedades, foi interpretada literalmente, pois, já na Idade Contemporânea, pelo século XIX, o novo dilema era a “normalização”. Davis (2016, p. 01 apud Piccolo, 2022, p. 131) situa que a nova ética social desse período é a norma como resposta dos fenômenos naturais e sociais da vida do ser humano.

Vivemos em um mundo de normas [...]. Consideramos o que a pessoa média faz, pensa, ganha ou consome. Classificamos nossa inteligência, nosso nível de colesterol, nosso peso, altura, desejo sexual, dimensões corpóreas ao longo de alguma linha conceitual. Nós consumimos um equilíbrio mínimo diário de vitaminas e nutrientes com base no que um ser humano médio deve consumir. Nossos filhos são classificados na escola e testados para determinar onde eles se encaixam em uma curva normal de aprendizagem e inteligência. Os médicos medem e pesam-nos para ver se estamos acima ou abaixo da média nas curvas de altura e peso. Provavelmente não há nenhuma

área da vida contemporânea em que alguma ideia de norma ou média não tenha sido utilizada.

Esse conceito de normal entra na história e na linguagem do contemporâneo e torna mais uma vez, os corpos das pessoas com alguma deficiência improváveis da participação social. Pois, “a norma atende, sobretudo e antes de qualquer coisa, à métrica dos desejos impetrados no capitalismo.” (Piccolo, 2022, p. 134). Ainda segundo Piccolo, somente no ano de 1840 que o conceito de normal “aparece no léxico inglês [...] significando o tipo comum ou usual de algum hábito, corpo ou comportamento” (Piccolo, 2022, p.132)

Com isso, as pessoas da época, quando mais se aproximava da média padrão estabelecida no período, mais valorizadas seriam, já que essa média corporal padrão era devido ao trabalho capitalista e aos atributos componentes que deveriam ser preenchidos no quadro representativo considerado digno. Isso serviu como uma forma de demarcar aquilo que era de “diferente” e desagradável aos governantes. Uma vez que a “corporalidade expressa pela deficiência não encontra espaço de integração na área abarcada pelo espectro da norma.” (Piccolo, 2022, p. 137)

Diante dessa retomada, fica evidente que a conceituação estabelecida na geração passada ainda é retomada para certos contextos com essa significação. Já que, às vezes, a expressão “normal” aparece nos discursos compostos binários, ou seja, deixa a entender que há uma diferença entre as pessoas sem deficiência com alguém que tenha, como é demonstrado no exemplo a seguir.

Né normal não, é? Acho que não é normal não. [...] eu não acho normal porque tem muitas pessoas que às vezes é... elas têm esse tipo de dificuldade pelo fato de alguma/muita delas tem algum problema de saúde, né, um problema de saúde mental, tem uns com uma alteração maior do que outros. (Participante, 22 anos, Masc., E.M compl.)

A resposta foi em virtude ao questionamento sobre o que achava de pessoas que nascem com alterações no desenvolvimento cerebral, fazendo com que tenha dificuldades em realizar atividades básicas. Como dito, o termo foi utilizado de forma a conceituar que alguém que nasce com alterações não é “normal”, além de fazer a relação com problemas de saúde mental.

Esse apontamento retoma a ética proclamada na sociedade citada acima, pois esses comportamentos eram tomados pelos médicos, que no período, o saber médico que tinha uma valoração em seu discurso, era da objetivação se um sujeito era louco, anormal etc. para a segregação e exclusão social. Não tomando por senso crítico, mas relacionando que o termo apresentado pelo participante carrega uma significação dicionarizada e politicamente correta

em comparação com aquela época, com associação de que uma pessoa com deficiência não é normal, pois não aparenta ser uma pessoa “mental e fisicamente saudável” (Caldas Aulete).

“Já nasce com problema...”

O termo problema já carrega em sua carga semântica algo que se relaciona ao negativo. Na busca dos significados atribuídos a este termo nos dicionários, encontra-se diversas conceituações e todas elas são destinadas para algo ou alguma coisa que precisa de “conserto/solução”.

A palavra problema vem do grego *problema*, que tem por conceituações do tipo: “dificuldade ou obstáculo que requer grande esforço para ser solucionado ou vencido.”, “situação conflitante; dificuldade.”, “pessoa, coisa ou situação que causa incômodo ou preocupação.” (Michaelis). Além destas, há outras acepções que giram em torno de problematizações matemáticas, científicas, entre outras.

A partir do dado coletado que frisa a questão de a pessoa com deficiência ser vista como um problema ainda pelas pessoas, causa preocupação essa concepção que se assemelha a das culturas passadas. Na antiguidade, essa concepção de problema era tida a partir do nascimento, que a ideia que vigorava era de que pessoas que nasciam com alguma delimitação eram tidas como um problema para os gregos e romanos. A crença a qual acreditavam proliferava a concepção de que os deuses não estão satisfeitos e por isso, se manifestam a partir do envio de crianças com comprometimentos congênitos para indicar que a forma como conduziam os negócios estavam em falta com eles.

E essa perspectiva de alguém com condições que causavam problemas e incômodos para a sociedade prevaleceu até meados do século XX. Um dos últimos fatos que demarca um fato assim, foi no Centro Hospitalar de Barbacena, em Minas Gerais, conhecido por Colônia, fundado em 1903 com o objetivo de internar pessoas que causava desgosto as famílias e ameaçava a ordem pública.

Segundo Arbex (2019), a Colônia tornou-se um lugar que a sociedade mineira via como forma de se livrar daquilo que causava vergonha, problemas, os corruptos, entre outros. Essa prática de extermínio do meio social, lembra a teoria eugenista, citada nas leituras teóricas, que surgiu meados do século XIX e adentrou o século XX. Com a ideia “que sustentava a limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos.” (Piccolo, 2022, p. 25) como forma de esconder as sujeiras realizadas pelo próprio estado.

Essa realidade começa mudar somente na década de 80, com novos estudos de exterior e instituições adaptas. Dessa maneira, começa-se observar porque certas expressões ainda são associadas a estas pessoas, pois os fatos são recentes e uma realidade não se muda de uma hora para outra.

Aleijado

Nos textos sagrados, a exemplo da bíblia, encontramos significados a respeito de pessoas que tinham comprometimentos, as quais recebiam vários tipos de derivações para as causas apresentadas pelas pessoas com alguma delimitação. Na etimologia da língua, o vocábulo está no particípio de *aleijar*, dando a ideia de que alguém teve por vontade própria fazer esta ação.

Interessante que no trecho bíblico a seguir, o termo aleijado descreve especificamente a parte do corpo e como eram tomados como adjetivos para caracterizá-lo: “Perguntou-lhe o rei: Não existe ainda alguém da casa de Saul, para que eu lhe faça grandes mercês? Respondeu Ziba ao rei: Ficou ainda um filho de Jônatas, **aleijado** dos pés. (2 Samuel 9:3)” (Dicionário BibliaTodo⁷).

No dado coletado em nosso corpus, um participante também utilizou da expressão para caracterizar uma pessoa com deficiência – “Ele é aposentado, fez um empréstimo, *mas não fez nada*, gastou tudo, tudo. Comprou nem uma fazenda pra ele. [...] é **aleijado**, as pernas dele é enrolado. É cadeirante.”. Como observado, a expressão da qual o participante utilizou foi a forma que considerou ser equivalente que a entrevistadora soubesse, além de empregar a denominação para designá-lo e enfatizar a questão do capacitismo, pelo fato de ter perdido tudo e ainda ser nessa condição.

As formas como as duas expressões aparecem em determinados contextos não muda a finalidade, mas modifica na concepção que ambos entendem o local do corpo que uma pessoa seria considerada “aleijada”. Segundo o Dicionário Michaelis, o termo aleijar significa “Que ou aquele que apresenta algum defeito, deformidade, mutilação física ou aleijão.” ou “Que apresenta falha moral ou espiritual; defeituoso, deformado, imperfeito.” E no dado colhido, a primeira atribuição de sentido foi a que equivaleu no discurso do idoso.

⁷ Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/pt/concordancia?s=aleijado&version=TB&ant=at>. Acesso: 01 jan. 2025.

Além disso, observamos que o termo se perpassou durante séculos e continua sendo uma expressão pejorativa e com uma carga negativa para o contexto atual.

5.2. FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

Como de conhecimento, língua e sociedade está interligada uma à outra. Isso revela muito mais a questão da relação e constituição que o ser humano tem com a língua, a qual o faz se posicionar e existir como sujeito social. Para Benveniste (1963, apud Mussalim, et. 2012, p.28) é por meio da língua que “o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”, isto é, é por meio da língua que o indivíduo materializa suas ideias, crenças e consegue simbolizar as coisas ao seu redor, pois, a sociedade sem a língua não conseguiria se estabelecer na comunicação social e nem constituir uma história, ambos são indissociáveis.

A língua é o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade, possibilitando, assim, a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas. (Ou seja,) a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência (Benveniste, 1963 apud Mussalim, et. 2012, p. 29).

Diante disso, fica claro que a capacidade humana de categorizar através da língua tudo aquilo que ver ou interage também lhe permite a capacidade de atribuir significados. Sendo assim, a língua por ser um caminho que leva à prática humana da interação e que revela a forma como o sujeito se utiliza da língua em sua comunidade de fala, isto é, a maneira como o homem se situa em uma classe social, a qual manifesta suas ideologias e concepções por base de uma posição que ocupa. Torna-o o sujeito responsável coletivamente pelas significações que hoje temos nos vocábulos da língua.

Com base nisso e no que vem sendo percorrido até o momento, compreende-se que nas histórias das sociedades, o homem em todo tempo fez uso da língua para manifestar a sua faculdade humana da linguagem, como para tomar decisões, mudar rumos, entre outros. Desse modo, não podemos desassociar a sociedade do discurso manifestado nas entrevistas realizadas na cidade de Alto Alegre do MA, já que o corpus da pesquisa transita nesse espaço social e linguístico.

levaremos essas ideias em considerações, uma vez que olhamos para os dados com base nos resultados obtidos por meio de uma análise sociolinguística dos participantes, ou um

agrupamento de indivíduos a partir de suas características sociais, dando ênfase às variáveis extralinguísticas, como “gênero”, “faixa etária” e “escolaridade”.

A seguir, faremos a distribuição das denominações entre as duas categorias (jovens/adultos) e a análise dos participantes mediante as denominações que utilizaram. De início, abordaremos a categoria do público mais jovem e faremos a análise das expressões que usaram, somente após partiremos para a segunda categoria (pessoas mais velhas), a qual pretende-se ao fim, verificar as expressões mais utilizadas entre os dois grupos tendem a carregar um sentido depreciativo.

Tabela 01: Distribuição dos participantes *jovens* por gênero, idade, escolaridade e as expressões. (Total= 10 participantes).

IDADE (de 18 a 25) – (de 50 a 70)	EXPRESSÕES	GÊNERO (M/F)	Escolaridade
18 anos	“Tipo de <i>problema</i> ”, “as pessoas <i>normais</i> ”, “ <i>peessoa com deficiência</i> ”, “ <i>cega</i> ”, “ <i>problemas mentais</i> ”, “o defeito notável”, “ <i>perneta</i> ”, “ <i>saci</i> ”, “ <i>deficiente móvel</i> ”, <i>deficiência visual</i> ”.	M	E.M. incompleto
18 anos	“ <i>deficiente</i> ”, “ <i>peessoa normal</i> ”, <i>deficiência</i> ”, “ <i>problemas psicológicos</i> ”, “ <i>perna torta</i> ”.	F	E.M. incompleto
20 anos	“ <i>Tipo de deficiência</i> ”, “ <i>Deficiência física</i> ”, “ <i>Transtorno mental</i> ”, “ <i>Pessoas que tem problema</i> ”, “ <i>doido</i> ”, “ <i>maluco</i> ”, “ <i>agitado</i> ”.	F	E.M. completo
22 anos	“ <i>Não é normal não</i> ”, “ <i>tipo de dificuldade</i> ”, “ <i>problemas de saúde mental</i> ”, “ <i>pessoas que não tem nenhum problema</i> ”, “ <i>doido</i> ”, “ <i>maluco</i> ”, <i>retardado</i> ”, não <i>gira/bate bem da cabeça</i> ”	M	E.M. completo
22 anos	“ <i>Pessoa deficiente</i> ”, “ <i>deficiência</i> ”, “ <i>peessoa com deficiência</i> ”, “ <i>tipo de deficiência</i> ”, “ <i>autista</i> ”, “ <i>criança normal</i> ”, “ <i>menino que tem TDAH</i> ”, “ <i>diferente dos outros</i> ”, “ <i>bocó</i> ”, “ <i>retardado</i> ”, “ <i>doido</i> ”, “ <i>síndrome de down</i> ”.	F	E.M. completo
23 anos	“ <i>tipo de coisa?</i> ”, “ <i>pessoas que tem alterações</i> ”, “ <i>deficiência nas pernas</i> ”, “ <i>deficiente</i> ”, “ <i>sofre de ansiedade</i> ”, “ <i>autista</i> ”, “ <i>lesada</i> ”,	F	E.M. completo

	<i>“pessoas que tem dificuldade”, “melhor do que é bom”, “perninha fina”, “meio assim lelé”, “especial”.</i>		
23 anos	<i>“Cadeirante”, “Pessoa que tem dificuldade”, “público normal”, “autistas”, “retardado”, “pessoas com deficiência”, “aleijado”, “deficiente”, “pessoas especiais”.</i>	F	E.M. completo
24 anos	<i>“deficiência”, “tipo de deficiência”, “autismo”, “doido”, “pessoa com deficiência”, “deficiente”.</i>	F	E.M. completo
25 anos	<i>“Delimitação”, “pessoa sem braço”, “tipo de deficiência”, “pessoa deficiente”, “cadeirante”, “pessoa com deficiência”, “doido/doidinho”, “que anda assim”, “tipo de deficiência”, “deficiência”, “lesado”, “peidado”, “diferente das outras crianças”, “deficiência intelectual”, “autista”.</i>	M	E.M. completo
25 anos	<i>“pessoa normal”, “tipo de deficiência”, “doença”, “pessoa deficiente”, “(que temos) nossa perfeita saúde”, “algum problema”, “autista”, “depressivo”, “especial”.</i>	M	E.M. completo

Fonte: autoria, 2025

O propósito dessa divisão por faixa etária (mais a frente, apresentamos os dados dos idosos) tem por finalidade observar os termos que aparecem na fala dos participantes jovens, com o objetivo de observar se tais expressões carregam marcas na categoria dos idosos.

E com base no que podemos observar nessa tabela número 1, e retomando o Quadro Geral do tópico anterior, a expressão “doido” e suas variações foram a mais vistas nos discursos e mais citada. Observando apenas os dados do público mais jovial, ficará mais evidente que esse termo foi mais recorrente na fala deles, com cerca de 08 discursos que emitiram essa expressão “doido/doidinho/maluco” etc. E em todas as vezes que apareciam em seus enunciados, carregava um tom de receio por aquela palavra está sendo emitida assim, de uma maneira direta e consciente.

Nesse grupo de indivíduos, foi perceptível, na entrevista, um certo desconforto no trato do tema. Mas, quando o participante era questionado se ele conhecia alguém que utilizava termos pejorativos ou preconceituosos para designar alguém com deficiência, este termo logo aparecia com frequência e sem resistências. Neste momento, notava-se a rapidez em responder e demonstrava menos retração quando faziam afirmações pejorativas no dizer de outro. Além desses momentos, outra situação que aparecia nos seus discursos, eram quando se sentiam à vontade para falar de experiências vivenciadas ou de situações desagradáveis que presenciavam como, na escola, no trabalho, na rua do bairro, no ensaio da quadrilha, entre outros lugares citados.

Retomando o significado por trás da palavra “doido”, anteriormente comentado com auxílio dos dicionários digitais, podemos levantar a questão do porquê essa expressão ser tão associada a pessoas que apresentam comprometimentos cognitivos. A princípio, sabemos que as pessoas com alguma deficiência têm suas especificidades e maneiras de agir distintas, no entanto, isso não as faz menor ou mais diferentes do restante da sociedade. No entanto, essas especificidades distintas transformaram, na consciência social, essas pessoas em “loucas”, “alienadas” e “doidas” em outras épocas.

Na modernidade, essa concepção ganhou mais força entre os médicos, já que a proposta da época eram institucionalizar pessoas conceitualizadas como “fora da razão” para curá-las desse “mal”. Conforme Teixeira (2019 apud Piccolo, 2022, p. 114) nesse período surge o alienismo “como a primeira especialidade médica [...] o qual tinha no estudo e tratamento da loucura um de seus objetos diletos.” Com isso, a sociedade passa a entender que o louco é todo aquele que era desprovido da razão, ou seja, que tinham comportamentos não socializáveis e desprovidos de descontrol sobre suas ações, o que fez a sociedade entender, assim, a loucura como uma doença que precisava ser tratada para que pudessem participar do mundo social.

Diante disso, percebemos que a partir dessa construção enunciativa que se obteve grande reviravolta e receios na população com o “novo” discurso médico, sobre loucura ser considerado doença. Desde então, essa concepção nunca deixou de ser revisitada pela sociedade, mesmo com novas concepções sendo formuladas pela ciência, ainda sim, a premissa de “doido” ser alguém desprovido de razão se perpetuou e faz referência, nos dias atuais, tanto a pessoas que sofrem transtornos psicológicos quanto a pessoas que apresentam comportamento considerado fora de um padrão.

O que ocorre, desde então, são novas variações da expressão para “doido”, mas que carrega o mesmo significado como é o caso das demais denominações citadas pelos

participantes como, “maluco” (“que não está de acordo com o padrão aceito como normal”, Caldas Aulete), “retardado” (“que apresenta desenvolvimento mental inferior ao normal.”, C.A.), “bocó” (“Que é bobo, tolo, parvo”, C.A.), “lesado” (que demonstra ser amalucado; abobado, leso, tolo.”, Michaelis), além das demais derivações como, “não bate bem da cabeça”, “lelé”, “parafuso a menos”, “perturbado” que possuem os mesmos significados dos termos dicionarizados acima.

Desse modo, com base nas significações entorno das variações direcionada do que seja “doido”, nota-se uma relação desse termo à concepção de “normal”, pois os participantes, ao se retratarem às pessoas com deficiência, também se utilizam de expressões que têm por sentido essa relação de “se alguém age assim, não é normal”. Assim, demonstraram entendimento que anormalidade se equivale a pessoas que têm comportamentos inadequados ou deficiências, como demonstrado no trecho adiante, “*Né normal não, é? acho que não é normal não. [...] Eu não acho normal porque assim... tem muitas pessoas que às vezes é... elas têm esse tipo de dificuldade pelo fato de algum problema de saúde mental, tem uns com alteração maior do que outros.*” (trecho de um dos participantes, masculino, 22 anos, E.M. completo).

A forma como ele coloca o “não é normal não”, ressalta a questão da anormalidade que foi bem visível desde a antiguidade, além de insinuar que são assim, pelo fato de ter problemas de saúde mental, sendo que qualquer pessoa pode sofrer com problemas mentais. Cumpre destacar, segundo notícia do site jornalístico da Globo (G1), mediante pesquisas da OMS.

O número de pessoas que sofrem de doenças mentais comuns está aumentando no mundo inteiro, principalmente em países de baixa renda. E alerta que, apesar da depressão atingir pessoas de todas as idades e nível de renda, o risco de alguém ficar deprimido aumenta com a pobreza, o desemprego e com fatos da vida, como a morte de uma pessoa próxima, o fim de um relacionamento, debilitação física ou problemas causados pelo consumo de álcool ou drogas⁸. (G1/BBC, 2023)

Isso só demonstra como ainda há muita desinformação e associação de deficiência ser considerado doença em nossa sociedade. Há muitos discursos como esse nas falas dos demais participantes, mesmo que não utilizem da palavra “normal”, mas se utilizam de sinônimos ou palavras binárias, a exemplo desse trecho: “[...] ela elabora suas atividades até *melhor dos que é bom*”; “[...] que assim como **nós... que temos nossa perfeita saúde**, temos o direito a esses tipos de questões básicas, eles também devem ter, [...]”, ou desse “[...] *ela precisa de um olhar diferente, não de uma criança normal.*” (três participantes, dois do sexo feminino e um masculino).

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/11/06/por-que-o-brasil-tem-a-populacao-mais-depressiva-da-america-latina.ghml>

Mediante os exemplos, podemos observar que um mesmo enunciado, em seu sentido social, mesmo sendo reformulado vem se manifestando em diferentes épocas, mas ainda com uma carga pejorativa a respeito das delimitações. Demonstrando que as concorrências lexicais na história de um vocábulo podem se reformular e, mesmo assim, ainda permanecer com seu significado pejorativo.

A seguir, passaremos para a análise da segunda categoria de pessoas da segunda faixa etária.

Tabela 02: Distribuição dos participantes da segunda faixa etária, organizadas por gênero, idade, escolaridade e as expressões. (Total= 10 participantes)

IDADE (de 18 a 25) – (de 50 a 70)	EXPRESSÕES	GÊNERO (M/F)	Escolaridade
50 anos	<i>“Convive com essas coisa”, “cadeirante”, “pessoa normal, sadia”, “melhor do que nós, que somos bonzinhos da cabeça”, “lesado”, “cacunda”, “pé de veado”, “doido”, “aleijado”, “parafuso a menos”, “louco”.</i>	F	Sem escolaridade
50 anos	<i>“Autista”, “cadeirante”, “deficiente”, “especial”, “louco”, “perturbado”.</i>	M	E.F. incompleto
53 anos	<i>“Nós que somos bonzinhos, graças a Deus!”, “pessoa com deficiência”, “cego”.</i>	M	E.M. completo
53 anos	<i>“Bichinha véa”, “cega”, “Pessoa que tem problema”, “Coxo”, “aleijado”, “manco”, “Tralhoto”, “Deficiente”, “paralisia infantil”.</i>	F	E.F. incompleto
56 anos	<i>“esses problemas?”, “deficiente”, “a gente ver um bucado de gente sofrendo disso daí”, “tipo de gente”, “defeito dele”, “dependente dos outros”, “especial”</i>	M	E. Infantil
64 anos	<i>“Aleijado”, “as duas pernas dele é enrolada”</i>	M	E.F. incompleto
65 anos	<i>“Tipo de coisa”, “aleijadinho/aleijada”, “cega”, “Nós bom não, mas aquelas pessoas doente precisa”, “as pernas é assim</i>	F	Sem escolaridade

	<i>mole”, “pescoço dele é todo tempo mole”, “as mãozinhas tudo véa assim”.</i>		
66 anos	<i>“Deficiente”, “bichinha”, “doente, que ele era bonzinho”, “bocó”, “depressiva”.</i>	F	E.F. incompleto
70 anos	<i>“pessoa especial”, “doido”, “bocó”, “autista”, “ele ficou assim... negócio diferente”.</i>	M	E.M. completo
70 anos	<i>“Doido”, “quando dá de jogar pedra nas mãos... é uma coisa boa?”, “vai ficar normal do jeitinho de nós”, “já nasce com problema”, “é ruim porque tá no juízo”, “que anda assim com o pezinho assim pra riba”, “arreliado”, “aleijado”, “batoré”, “jabuti da Xuxa”, “atarantado do juízo”, “já tava com o juízo oh (...)”, a gente não pode botar todo dia no colégio porque, oh (...)”</i>	F	Sem escolaridade

Fonte: autoral, 2025

Os dados relacionados a categoria de 50 a 70 anos mostram que a denominação “doido”, também se mostrou recorrente no discurso. Denotando que a expressão faz parte do vocabulário desses indivíduos e como o significado empregado por ambas as faixas. O significado apresenta a mesma carga pejorativa sobre a concepção que se têm a respeito das pessoas com alguma deficiência. As expressões variantes de “doido” foram semelhantes a primeira categoria, somente a última participante, de 70 anos, que relacionou a problemas no “juízo”, ou seja, utilizou um termo genérico diferente dos demais na categoria mais jovem, que se retratavam a termos mais técnicos como “problemas mentais”, “doenças mentais”.

A participante em questão defende que uma pessoa com deficiência é “doente do juízo”. Cumpre destacar que a participante é uma senhora que se utiliza da produção de remédios caseiros para tratar certas enfermidades, e ao ser exposta a este assunto, logo recorreu a sua cultura para declarar que isso tem tratamento e, logo, tem cura.

“Minha filha a vida é meia pesada, viu? Bem... não é remédio da farmácia que *vai normalizar o juízo, é do mato.*”

Cumprer destacar que, ao longo dos séculos, muitos foram os “remédios” produzidos e/ou comercializados para a cura da loucura. Piccolo (2022) explica a popularização desse tipo de droga na idade média, que é quando surge esse discurso por meio de Paracelso, que segundo Piccolo (2022) tratava-se de um

médico renascentista alemão que se tornou célebre ao reconfigurar as possibilidades de terapêutica em Medicina para além da utilização de ervas e substâncias de origem animal [...]. (ele) desenvolveu iniciais pesquisa sobre pessoas com loucura, epilepsia e idiotia, vendo-as não mais como criaturas ocupadas por forças malignas e sujeitas a torturas e fogueira em virtude de maus agouros que traziam, mas, sim, como doentes dignas de tratamento e complacência. (Piccolo, 2022, p. 103)

Mesmo com a revolução científica, ainda sim, a população se encontrava fragmentada e carrega ainda essa concepção. Muita dessa tradição de cura através de rituais que envolvem banho, rezas e que se dão ainda encontram muito apoio na sociedade. Essa tradição se manifesta há séculos, justamente pela dificuldade que certas classes sociais tinham em acessar serviços de saúde com profissionais da área, então a opção de tratamento eram essa prática que os povos até nos dias de hoje recorrem.

E isso é comprovado a partir da participante que explicita sua cultura durante toda a entrevista. Em certos momentos, ela utiliza do termo “normal” para dizer que através do banho que ela faz, ele “normalizaria o juízo”. Vemos muitas marcas culturais do passado que se manifestam por meio da linguagem da senhora e como que ela acredita apenas na verdade que diz, ou melhor, na crença de que a cura se dar por meio dessa prática religiosa. Isso também nos remete aos costumes que eram vistos na Antiguidade e na Idade Média, onde as práticas religiosas eram mais recorrentes.

Ao termo “juízo” enunciado pela senhora, há outros derivantes como, “*atarantado*” (Que se atarantou; atrapalhado, aturdido, confuso, estonteado, perturbado; Michaelis.) e “*arreliado*”. Pode-se olhar aos demais participantes que também colocam que as pessoas com comprometimentos têm algo relacionado com a mente, a exemplo das expressões: “*lesado*”, “*parafuso a menos*”, “*louco*”. (P. fem. 50 anos, s/ escolaridade); “*perturbado*”, (P. masc. 50 anos, E.F. incom.), “*já nasce com problema*” (P. fem. 70 anos, s/escolaridade), etc.

Além disso, temos a associação de que as pessoas com deficiência têm problemas e, mediante o discurso dos participantes percebemos a ideia de isso não ser uma coisa boa. A seguir, apresentamos alguns trechos das entrevistas em que isso fica evidente.

“*Nós que somos bonzinhos, graças a Deus!*” (P. masc. 53 anos, E.M. compl.); “*quando dá de jogar pedra nas mãos... é uma coisa boa?*” (P. fem. 70 anos, s/ escolaridade); “*ficou doente, que ele era bonzinho*” (P. fem. 66 anos, E.F.).

incompl.); “Nós bom não, mas aquelas pessoas doente precisa” (P. 65 anos, s/escolaridade).

Essa ideia de bom/ruim aparece, denotando um discurso religioso que se proclamava na Antiguidade, ao relacionar o ruim/mal ao maléfico, isso se apresenta mesmo que de uma forma implícita no dizer, mas com o sentido que demarca a diferença deles não ser totalmente “bom” frente as outras pessoas que na concepção dos participantes mais velhos não tem esses “problemas”. Essa concepção se apresenta mais no discurso dessa categoria, o que nos leva a hipótese de que, pelo fato de serem de uma geração que mais se aproxima das culturas passadas, pode ter proximidade com aquilo que era mais comum no passado.

Nessa categoria, o que se pode perceber a partir do quadro 02, são as expressões voltadas mais ao público com deficiência física. No entanto, esse termo “deficiência física” não é dito, apenas expressões como, “cadeirante”, “cego”, “aleijado”, “as pernas é assim mole”, “pescoço dele é todo tempo mole”, “as mãozinhas tudo véa assim”, “coxo”, “manco”, “tralhoto” e “paralisia infantil”. Isso demonstra o desconhecimento das pessoas sobre o termo mais adequado, em vez das denominações que aparecerem em suas falas quando fazem referência a alguém com deficiência física.

Já quando voltava para a deficiência intelectual, notava-se uma certa dificuldade de diferenciar da física, o que acontecia era a mesclagem de ambas, mesmo que o propósito era se falar em uma deficiência em específico, como o caso da intelectual, no entanto, o participante acabava introduzindo a deficiência física.

A confusão em distinguir a deficiência física da intelectual se davam não somente na categoria dos idosos, mas na dos jovens também foi recorrente. Diante dos questionários que foram sendo aplicados, os participantes acabavam introduzindo deficiências de outras patologias, demonstrando na maioria dos casos pouco conhecimento.

Com base no quadro 01, apresentada na categoria de pessoas jovens, percebemos a presença de termos como “autismo”, “problemas/transtornos mentais/ psicológicos”, “deficiente”, “doido” e “pessoa normal” para designar tanto pessoas com deficiência física como intelectual por alguns participantes, mas também havia a presença de termos como “cadeirante”, “deficiente das pernas” entre outros, em respostas as duas deficiências.

Essas são as marcas lexicais que são apresentadas nos discursos dos jovens, que define as concepções ideológicas que prevalece neste momento. Fazendo uma análise geral dessas expressões, notamos que as denominações, algumas delas, ganharam novos termos com o passar do tempo, mas por trás, o significado etimológico permanece o mesmo.

Um fato recente na sociedade contemporânea que podemos relacionar com essa questão de termos pejorativos às pessoas com deficiência, aconteceu no programa Big Brother Brasil - BBB24, da rede Globo. Quando o atleta paralímpico Vinicius Rodrigues participou do reality e sofreu preconceito através de um comentário de outro participante que apelidou Vinicius de “Cotinho” e “Perninha”, que, segundo o site jornalístico do G1⁹, “o termo vem da palavra ‘coto’, popularmente usada para se referir à parte restante de um membro amputado.” (Fernandes, g1, 2024).

Assim como épocas passadas, essas denominações são ainda utilizadas como forma de fragilizar a pessoa com deficiência. A situação observada no BBB24 denota muito isto, e principalmente revela que a sociedade, infelizmente, ainda se atém a expressões que caracterizam principalmente a delimitação física e mental.

De uma maneira Geral, a palavra “*doido*”, mesmo sendo recorrente, ganhou novas derivações como foi descrito mais acima. Assim como também, o termo “*autismo*”, que antigamente era um termo muito restrito e de pouca circulação e que começou ter movimentação somente nesse século. Ao que parece, a palavra substitui, na perspectiva dos participantes jovens, segundo o quadro 01, questões de doenças genéricas que se apresentam no comportamento de uma pessoa, principalmente em aspectos mentais, que tendem a relacionar aos sinais do autismo.

Se buscarmos as expressões na categoria de pessoas mais idosas, que se encontra no quadro 02, será notado que o termo “*autismo*” só é mencionado uma única vez, por um dos participantes que possui o ensino médio completo. Enquanto os demais idosos, se utilizam de expressões que atualmente quase não se ouve com frequência como, “*coxo*”, “*paralisia infantil*”, “*atarantado*”, “*manco*”, e são termos que não aparecem tanto na fala do grupo dos participantes jovens.

O vocábulo “*autismo*” é de pouco conhecimento desse grupo de pessoas mais velhas, pois, ao ser mencionado, colocam termos como “*problema*”, “*tipo de coisa*”, “*negócio diferente*”, “*louco*” etc. Diante dessas expressões, não era feita a distinção de qual deficiência estava se referindo, eles compreendiam que tudo era a mesma coisa.

Há termos na categoria dos mais velhos, que são interessantes de se observar e que não aparecem na categoria dos jovens como, “*tralhoto*”, “*coxo*”, “*defeito*”, “*paralisia infantil*”, “*cacunda*”, “*jabute da xuxa*”, “*batoré*”, “*pé de veado*”, “*aleijado*”, pois são termos que estão

⁹ Disponível: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/01/09/o-que-e-capacitismo-entenda-debate-nas-redes-apos-vinicius-ser-chamado-de-cotinho-no-bbb-24.ghtml>. Acesso: 24 de jan 2025.

caindo no desuso, já são termos passados e antigos. Enquanto na categoria jovem, o termo menos recorrente usado por eles foi *“aleijado”*, essa expressão aparece mais no discurso dos mais velhos para designar a alguém com “problemas nas pernas”. E quando os jovens querem se referir a estas pessoas com deficiência física se utilizavam de termos como, *“deficiente móvel”*, *“deficiência das pernas”*, *“pernetta”*, *“saci”*, *“perna torta”*, *“pés curvado”*, *“perninha fina”* e *“cadeirante”*. O termo *“saci”* foi tomado por referência pelo participante jovem a entidade folclórica de um menino de uma perna só, enquanto que *“pernetta”*, também citado pelo mesmo participante, é uma gíria que quer dizer que uma pessoa possui uma perna mais curta que a outra. O termo é de origem da palavra “perna”, que tem por acréscimo um sufixo “-etta”, que flexiona substantivos abstratos e concretos no grau diminutivo, e nesta situação, pode ser visto como uma forma de atribuir inferioridade a pessoa pelo fato de não ter desenvolvido um membro do corpo. Isto só reforça a ideia de um efeito negativo, ou melhor, a palavra carrega uma designação depreciativa.

Mediante isso, se percebe que as expressões que ganharam mais visibilidade dentro dos discursos dos mais jovens, foram as derivantes dos termos mais antigos, para dizer que uma pessoa tem algo no cognitivo como, *“problemas de saúde mental”*, *“problemas psicológicos”*, *“transtornos mentais”*, *“retardado”*, *“maluco”*, etc. para enfatizar que tem algum comprometimento na mente.

Com isso, podemos trazer para a discussão, como os fatores extralinguísticos estão relacionados com as formações e transformações lexicais da língua. A princípio, no quadro 01 que retrata as variantes sociais dos participantes jovens, podemos observar que todos tem algum tempo de escolaridade, fato que pode ter sido importante para a diferença nas denominações apresentadas por esse grupo, resultado que foi contrário das pessoas de baixa escolaridade ou sem nenhuma escolaridade, que se apresentaram na categoria de pessoas mais velhas, no quadro 02. Os quais utilizaram uma linguagem mais informal, com termos que são poucos utilizados na fala dos participantes jovens, mas que carregam o mesmo sentido nas palavras enunciadas. Diante disso, as pessoas mais idosas não se preocupavam tanto com os gestos que faziam ou certos termos que diziam, pois não demonstravam tanto desconforto quanto os jovens apresentavam.

A categoria jovem, por ter um nível de conhecimento escolar mais elevado que o outro grupo causou uma percepção contrária ao dos mais velhos, isso porque houve uma manifestação mais cautelosa e restrita para falar da temática. Se tem por hipótese, com isso, que o fato do medo de não saber falar a respeito daquilo que se é pouco conhecido, tendo em vista que se

trata de uma questão social ainda conflituante para se discutir e é um tema que tem sido problematizado nesta geração, não na passada.

Desse modo, o que fica evidente a partir desses termos e situação de confusão entre as duas deficiências (física e intelectual) é a questão que os participantes das categorias apresentam nível de escolaridade dispare e isso parece ser preponderante, quando se consideram aspectos sociais. Desse modo, ficou evidente que tanto escolaridade quanto idade foram fatores relevantes para a diferença entre esses dois grupos.

O primeiro grupo (jovens), já se enquadra em uma geração tecnológica, que teve acesso a uma escolaridade mais avançada e modificada pelas discussões sobre a inclusão, além de terem tido acesso às discussões sobre a inclusão de pessoas com deficiência que estão em vigor na nossa sociedade. Todavia, esses privilégios não foram obtidos por todos os participantes da categoria de idosos, pois muitos deles não concluíram a escola ou nem estudaram, como não tiveram acesso à mídia e às discussões sobre a inclusão de pessoas com deficiência. Assim, fica claro que as pessoas idosas, a partir dos seus enunciados, demonstraram muito o conhecimento primitivo de certos vocábulos justamente porque essas foram as expressões recorrentes de sua época e que não tinham discussões como as que são feitas atualmente.

E os jovens, por serem de uma geração atual, com acessos a multimídias que fornecem notícias a todo instante, os tornam mais acessíveis à temática, o que resulta em um certo medo ou tabu com relação à temática. Porém, mesmo tendo esses privilégios e consciência do errado e certo, ainda sim, percebemos que as concepções sobre deficiência ainda não se modificaram completamente. Provavelmente, isso tenha por interferência as crenças, costumes, cultura a que esse sujeito foi exposto, resultando em uma concepção tradicional. A linguagem apresentada por eles nos mostram as variações lexicais que um termo antigo se ampliou, modificando apenas o contexto social entre as duas gerações, pois o sentido nas palavras ainda são os mesmos.

Para finalizar essa parte sociolinguística, a última variável, gênero/sexo dos participantes diz muito sobre o comportamento linguístico que estes apresentaram durante as entrevistas. Inicialmente, na categoria de pessoas jovens, foram cinco pessoas do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Ambas foram divididas, sem distinção de gêneros, para responder sobre a temática envolvendo a deficiência física e outras cinco para a deficiência intelectual.

O sexo feminino demonstrou mais cuidados com as palavras, mesmo que em alguns momentos da entrevista, as participantes por impulso daquilo que enunciava soltava nos enunciados termos preconceituosos, pois nestes momentos que ocorria isto, eram quando falavam a respeito da pessoa com deficiência na perspectiva vivenciada por outra pessoa. Além

de manifestar ações de incômodos, silêncios, pausas, risos para amenizar aquilo que evitavam dizer, mas também se expressavam com emoções e inseguranças. Já os homens, apresentaram comportamentos semelhantes ao das mulheres, mas se distinguiram, pelo fato que não aparentavam cuidados na forma de falar, como não demonstravam tantas emoções e risos, mais um autocontrole maior daquilo que estava sendo dito do que as mulheres demonstravam. As expressões com sentido pejorativo aparecem nos enunciados dos dois gêneros.

Na categoria das pessoas mais velhas, as participantes do sexo feminino demonstraram uma prevalência frente aos homens. As mulheres manifestaram comportamentos linguísticos menos consciente, ou seja, falavam sem nenhum problema se aquilo que diziam seria categorizado como errado ou não. Além de se expressarem de uma forma mais conservadora, tradicional e capacitista. Enquanto isso, os homens tiveram mais dificuldade em associar o assunto, como falar sobre ele, demonstrando desconforto e pouco conhecimento. Muito deles se utilizaram de gestos como forma de enfatizar que a pessoa era “louca” ou quando emitiam uma palavra que não gostariam de dizer, enunciava em um tom de voz baixo, ou simplesmente recorria para termos genéricos. Nessa categoria, as expressões conotadas de forma preconceituosas se deram mais pelas pessoas do sexo feminino.

Em suma, a categoria jovem, mesmo apresentando um certo cuidado na maneira como utilizaram da língua, apresentaram um estigma para discorrer sobre o assunto, os quais buscavam utilizar palavras não comprometedoras em certas situações. Enquanto a categoria idosa demonstrou menor restrição em falar expressões com sentido desdenhoso.

5.3. MANIFESTAÇÕES TABU

Segundo Foucault (1996 apud Bernandes, 2007, p. 247), há três formas de “interdições”, que está vinculada a questões de exclusão de algo dentro de uma sociedade, que são, “tabu do objeto (que não se tem o direito de dizer tudo), ritual da circunstância (que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância), direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (que qualquer um não pode falar de qualquer coisa).” Mesmo Foucault ressaltando essas formas de interdições que se trata de questões que põe o sujeito em uma posição de dizer ou não algo em um determinado contexto, temos em vista que seu modo de pensar pode se revelar através dos discursos, sendo o poder e o desejo de uma sociedade.

Não podemos deixar de trazer a questão do tabu, considerando que ela está presente no que se relaciona às práticas linguísticas do dito e não-dito. O tabu é criado por convenções sociais, que articulam o que deve e o que não deve ser dito em uma conjuntura. Com isso, percorrendo a história da PCD durante os séculos, observou-se que o tabu esteve presente em todas as épocas, de forma a excluir e ditar as regras do que era considerado como normal. Essa prática é vista até nos dias atuais, atuando em diversas camadas sociais e afligindo classes que apenas se sentem submetidas a proibição de grupos, de culturas, religiões, etc.

Desde a Antiguidade, vemos que a pessoa com deficiência foi tomada como “louca”, “doente”, pelas autoridades, a fim de excluir da sociedade essa imagem que era desagradável as repartições sociais. Assim, a palavra teve poder para determinar o destino destas pessoas e como o discurso teve influência em toda uma população para acreditar que deficiência era algo ruim, como Saputry (s/a, p. 02) diz que “o poder do tabu é determinado por quantas pessoas acreditam e seguem o tabu como um tabu.”. Sendo assim, o tabu para ser tabu necessita de um grupo para que incentive o que deve ou não ser dito ou seguido.

Diante disso, com base no que já foi analisado até a presente pesquisa, observamos que há presença de manifestações tabus nos discursos e comportamentos de alguns participantes. Dando a entender que preexiste uma forma de dizer algo de uma forma ideal, para que não se coloque em uma posição de hostilidade.

A seguir, serão apresentadas manifestações que se deram por meio de comportamentos, palavras, silêncio etc. pelos participantes como outras formas de manifestação de tabu.

Participante jovem, feminino, 23 anos, E.M. completo.

A participante em questão, foi questionada sobre o tema deficiência intelectual. No questionário (que já foi apresentado na figura 01) tínhamos 10 perguntas, além de outras que poderiam ser introduzidas mediante a direção que tomasse.

Na primeira pergunta, a participante já demonstrou nervosismo e não sabia bem o que responder. Para respondê-la, foi preciso dar uma contextualizada a mais do que já tinha no enunciado da pergunta, além de sempre acalmá-la dizendo que poderia responder da forma que soubesse e não precisaria pressa. Daí já começa se observar o quão dificultoso as pessoas se encontram quando são pegas desprevenidas para falar de um assunto que não é abordado em seu dia a dia dessa forma. Abaixo segue um trecho da transcrição desse primeiro contato.

1. Em seu ponto de vista, o que você acha de pessoas que nascem com alterações no seu desenvolvimento cerebral, fazendo com que tenha dificuldades em realizar atividades básicas de sua vida? *(aqui era acrescentado que tipos de atividades são essas; quais dependências às vezes essas pessoas tinham, etc)*

R: *Ê, bicha... será que isso tem haver com algum medicamento que a pessoa toma? (sorrir). (Dá uma pausa para pensar e sorrir de constrangimento). Deixa eu ver uma resposta... [...]. Ê, bicha, mas é bem dificultoso, né? Porque vai depender da gente pro resto da vida e não só dificultoso pra pessoa, mas pra quem vai cuidar da pessoa.*

Fonte: autoral, 2025

A participante indaga sobre a questão do uso de medicamentos, e diante do contexto, ela levanta a hipótese se a mãe da criança, que no início da gravidez poderia ter ingerido algo para evitar/perder. Aqui se levanta uma questão de crença, pois considerando o espaço geográfico da cidade e os boatos ouvidos pela comunidade, dizem que “quando uma mãe toma remédio para abortar, mas não dar certo, o bebê nasce com alguma deficiência”. Cientificamente, não foi encontrado nada relacionado a esta superstição, considerada popular, principalmente no grupo de pessoas idosas da cidade.

Após dito isso, rimos para tentar amenizar a situação. Essa forma supersticiosa da qual se utilizou é uma das formas que revela o tabu, pelo fato de acreditar em algo que não é comprovado, mas se alude a ideia de ser possível. Além disso, as pausas para pensar, os sorrisos que soltavam dizem muito. A jovem apresentou dificuldades para responder, a todo instante parecia se policiar para não emitir palavras pejorativas. Guérios (1979, p.11) coloca a questão que se uma palavra não pode ser dita em consonância do efeito depreciativo que pode causar a sociedade, há várias formas que podem ser expressas, mesmo não se utilizando da fala, uma vez que existem “meios indiretos e meios diretos dissimulados, i. é, substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido.”

Essa concepção de receio em não querer demonstrar o que realmente acredita, mas se vê proibido de enunciar pelas circunstâncias que isso pode lhe custar, é transparente em todos os discursos.

Para a transcrição foram utilizadas normas que seguem descritas na legenda.

Legenda:

“...” significa “*pausas*”

“.” significa o “*alongamento de vogal*”

“(())” significa o *comentário do transcritor*.

“[[]]

“/” significa quando ocorre o *truncamento de palavras ou desvio sintático*. (Mussalim, et. 2012, p. 88)

2.Você acha que a sociedade está preparada para adaptação desse público?

P: Acho que não. [Por quê?] Por que... ah, mermã, acho que porque/ acho que tem pessoas que não sabem lidar com esse tipo de situação... é: saber se dá com essas situações, acho que... ((sorrir)). É tão difícil! ((fica reformulando a resposta por alguns minutos)). [...]

Mermã, acho que vai depender do ambiente e também tem pessoas que não sabe lidar com esse tipo de coisa. [[Que tipo de coisa?]] Ah! É tão profundo e difícil ((sorrir)) é tão simples e difícil ao mesmo tempo.

Eu acho que as pessoas tinham que buscar mais soluções, mais formas de tentar conviver com esses tipos de pessoas que tenha essas dificuldades, tem essas alterações, né? Buscar formas de como a lidar com isso no nosso meio. Porque as pessoas que têm alteração tem dificuldades a agir, têm as formas delas agir e aí tem pessoa tem que saber lidar com isso.

Fonte: autoral, 2025

Na segunda pergunta direcionada a mesma participante, nota-se que ela começa a se utilizar de outras palavras, como forma de evitar a falar as expressões que se dirigem diretamente a PCD. Guérios (1979, p. 153) aponta isso como “a explicação, a antipatia supersticiosa ao nada, que deixou postergado o lat. "coisa", precedido de negativa ou da preposição”. Mesmo não enunciando a palavra que tem receio, a manifestação de tabu se dá também pela outra opção escolhida para se denominar. No exemplo da fala da participante temos a frase “tem pessoas que não sabem lidar *com esse tipo de situação*...” que destaca precisamente que “tipo de situação” é uma substituição, como nesses casos também “pessoas que não sabe lidar com esse *tipo de coisa*”, “tentar conviver com esses *tipos de pessoas*”, como que se ao utilizar de termos genéricos como “coisa” ou “tipo de pessoa” irá evitá-lo de dizer aquilo de uma forma menos enfática para não se retratar diretamente a deficiência da pessoa. Ou seja, preferem utilizar dessas marcas pois acreditam que certos termos são restritos.

Nesse trecho há também a presença de termos científicos “*alterações*” para se referir a PCD, que Guérios (1979) coloca isso como também sendo uma das formas de tabu.

Participante jovem, masculino, 22 anos, E.M. completo

1.Em seu ponto de vista, o que você acha de pessoas que nascem com alterações no seu desenvolvimento cerebral, fazendo com que tenha dificuldades em realizar atividades básicas de sua vida? (aqui era acrescentado que tipos de atividades são essas; quais dependências às vezes essas pessoas tinham, etc)

P: Né normal não, é? Acho que é normal não. [[Por quê?]] Porque, porque... como é, refaz a pergunta aí. [...]
Eu disse que não acho normal num foi? Eu não acho normal por que...

Porque assim, tem muitas pessoas que as vezes é: elas têm esse tipo de dificuldade pelo fato de alguma/ muita delas tem algum problema de saúde, né, um problema de saúde mental, tem uns com uma alteração maior do que outros. [...]

Fonte: autoral, 2025

Esse segundo participante, já inicia afirmando que não acha normal, mas indica mais a frente que é devido aos problemas de saúde mental. No entanto, inicialmente, ele se demonstrou nervoso e até responder o que está transcrito acima, tive que contextualizar mais do assunto assim como fiz com a participante anterior. Ele também se utiliza de termos científicos, pois foi a expressão que a entrevistadora utiliza e, com isso, surge a hipótese que ele se agarra nesse termo como forma de escapar das expressões que julga ser erradas para uso nesse momento de formalidade.

Participante jovem, feminino, 24 anos, E.M. completo

2. A sociedade está preparada para adaptação desse público? *[[pode citar um exemplo de dificuldade que esse público tem quando vai acessar algum dos serviços básicos, principalmente o transporte, em nossa cidade, como você vê?]]*

P: ((Silêncio. Pensando. Sorrir.))

((Ela fica alguns segundos caladas, então falo algo para ajudá-la))

((a participante responde sobre o desconforto que é falar desse assunto))

P: É que a gente tem um pouco de receio disso. Meu Deus! Essa fala minha aqui é correto, tô falando da forma correta em relação a essas pessoas?

Fonte: autoral (2025)

Este trecho é uma das participantes que assume o desconforto que é falar sobre esse assunto, justamente por se encontrar desinformada, sem saber como se expressar sobre essa questão. Diante desse exemplo, podemos associar a dificuldade que os demais participantes também têm quando se encontram com uma pergunta que é de pouco conhecimento deles, como se sentem reprimidos ao dizer algo que em suas percepções são “erradas”. Como que anteriormente apresenta silêncio, riso, para manifestar esse desconforto antes de sua afirmação. A participante chega a expressar o tabu relacionado à questão, um dado muito interessante e que demonstra o tabu em sua forma expressiva.

Isso só demonstra como que a sociedade ainda vive presa a um estigma sobre a forma como devem tratar uma pessoa com deficiência. Goffman (2008p. 13) coloca que “o estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereotipo,” e a falta de desinformação sobre a temática fortalece uma ideia contraditória, o que ocasiona um estereotipo criado de que pessoas com alguma deficiência não são capazes de serem totalmente integradas ao meio social, pelo fato de não arcar com a expectativa social imposta sobre eles.

Participante jovem, feminino, 23 anos, E.M. completo

7. Hoje existem profissionais especializados que atendem este público tanto na área da saúde, como na área da educação. Por que você acha que essas pessoas devem ter esse tipo de acompanhamento?

P: Na minha opinião esse público merece uma atenção melhor, uma, uma atenção direcionado pra ele, tendeu? Por que são pessoas preparadas especialmente pra esses tipos de situação, esse tipo de público, por que geralmente o público normal ... não pode falar isso não, né? [[respondo que fale da forma que acha melhor]]. Geralmente o público normal tem é um atendimento diferente.

Fonte: autoral, 2025

A participante ao enunciar “público normal” inicialmente, logo para e diz em um tom mais baixo e constrangido “não pode falar isso não, né?”, como se estivesse contando algo de secreto, com um tom que tenta demonstrar arrependimento de ter dito aquilo, dando uma suavizada em seu tom de voz. Essa forma, para Freud (1856-1939 apud Guérios, 1979, p. 02) é considerado tabu, pois “o indivíduo tem privação de pessoas ou de coisas, das quais teme o contacto, sem explicação razoável.”. Esse reflexo de medo em dizer algo sobre o objeto, é um ato categorizado como tabu, pois as pessoas sentem repulsa sobre dialogar de um assunto que externamente é tido como conflituoso.

Participante jovem, masculino, 25 anos, E.M. completo

1. Como você acha que é a vida de pessoas que nascem com o diagnóstico de perdas dos movimentos corporais, fazendo com que tenha delimitações motoras?

P: É bem difícil, porque... é assim; é difícil, porque a pessoa nascer com algum tipo de delimitação, isso/ assim, não vai impedir dela/ como é que se diz... não vai impedir assim dela se desenvolver mais, né, ser uma pessoa como outra, né? [...]

[...] uma pessoa sem o braço digamos, né, para ela já é bem difícil assim... assim pra/difícil... não tô sabendo explicar, mas... vai ser menos/ não vai ser tão fácil como pra uma pessoa que tem os dois braços, digamos assim, né? E aí pra uma pessoa que tem esse tipo de deficiência assim eu creio que a vida é um pouco mais difícil, mas como eu disse não é impossível.

Fonte: autoral, 2025

Esse jovem, também recorreu a um termo mais rebuscado “delimitação”, essa escolha do termo, provavelmente foi o que ele ouviu pela entrevistadora e considerou como uma opção de uso para se referir a pessoas com deficiência, pois tentou se estabilizar no assunto e não sabia bem como se utilizar das palavras consideradas “certas”. Além desse, temos uma negação sobre como se expressar a respeito da temática, dando a ideia de privação sobre o objeto ao dizer “não tô sabendo explicar”. Diante disso, acaba recorrendo a denominações que caracteriza a parte do corpo da pessoa que apresenta uma deficiência como se fossem “seres pessoais” e únicos para caracterizar a pessoa. Essa substituição é uma forma de evitar se falar precisamente do objeto

que tem receio, por isso, se utiliza de uma expressão desfigurada como “sem o braço” para se referir a alguém que tenha deficiência física.

Com base nesses quadros exemplos apresentados na categoria de jovens, tanto do gênero masculino, como o feminino, percebemos que ambos, manifestam uma linguagem carregada de tabus, que sempre tentam contornar o uso das expressões por meio de diversos recursos linguísticos para evitar o uso de palavras que causam desconforto. Esse contorno que são realizados pelos participantes dessa categoria, para Guérios (1979) são os eufemismos.

Conforme Correia (1927, p. 447 apud Amendoeira, 2021, p.38-39), define o eufemismo como “o conjunto de meios linguísticos que servem para disfarçar ou atenuar uma ideia desagradável, odiosa, lúgubre, ou imprudente”. Nos discursos de todos os 10 participantes, aparecem marcas eufemistas. Enquanto na categoria de idosos, essas marcas vão recaindo um pouco e dando espaço para os disfemismos, como será apresentado a seguir.

Participante idosa, feminino, 65 anos, sem escolaridade

1. Em seu ponto de vista, o que você acha de pessoas que nascem com alterações no seu desenvolvimento cerebral, fazendo com que tenha dificuldades em realizar atividades básicas de sua vida?

P: Eu acho que é bem difícil... a pessoa já nasce com aquele tipo de coisa, né? Num enxerga, é aleijadinho que a gente ver, aí fica dependioso das outras pessoas, da mãe, do pai, aí fica grande e fica dependente das pessoas. Como eu vejo uma mulher ali que ela é cega, aleijada ainda, que não caminha, anda só na cadeira de roda. Tem um filho e parece que a filha não cuida, quem cuida é o filho homem, aí eu dizendo “meu deus, se essa mulher caminhasse ou enxergasse, era bom, né?” Pra não tá dependendo de ninguém. [...] Os filhos/ digo a filha, que tem a mãe assim, daquele jeito que aquela mulher ali, e não cuida dela, eu vou dizer que é uma tristeza, né? Pra deixar que o filho homem que cuida, já tá rapaz, aí fica...acho que ele quer sair uma hora, a mãe chama “meu filho me leva no banheiro pra banhar, me leva ali no vaso, né?” [...].

Fonte: autoral, 2025

A partir desse trecho retirado da entrevista, podemos observar muitos discursos sublinhados. Primeiramente, destacamos as expressões que a senhora se utiliza para se referir às pessoas com deficiência intelectual, embora que apresente termos que se relacionem com a deficiência física, denotando a confusão e o desconhecimento sobre a distinção entre as duas. Isso se apresenta quando diz as denominações “*num enxerga*”, “*aleijadinho*”.

Essas formas de se expressar que aparecem no início do parágrafo na fala da senhora, como maneira introdutória para dizer que a vida de quem tem deficiência é difícil. A abordagem que é feita pela participante, demonstra em seu discurso concepções de capacitismo, conservadorismo, que vão sendo manifestado e se relacionando com uma linguagem tabu. Na expressão “*aquele tipo de coisa*” evidencia que “deficiência” é substituído pelo termo “coisa”,

pois a participante evita falar e caracteriza como algo que seja ruim. Além desse ponto, há também, as expressões de “*num enxerga*” e *aleijadinho*”.

A primeira, se trata de uma expressão eufemista, que tende a enfatizar que é uma pessoa “*cega*”. Assim como na segunda expressão, que coloca o diminutivo para coloca a pessoa como coitada daquilo que tem. Essa concepção circulava pela questão do capacitismo, que coloca o sujeito com deficiência em uma posição de incapacitado, que é dependente de tudo e isso, se torna um fardo, na percepção da maioria das pessoas. A senhora cita essa questão quando diz “*aí fica dependioso das outras pessoas, da mãe, do pai, aí fica grande e fica dependente das pessoas*.”, como se pessoas com deficiência não pudessem fazer absolutamente nada sem a ajuda de alguém. Isso demarca muito a concepção que as sociedades passadas repassavam, com a premissa de que deficiência é um problema a mais para a vida em sociedade.

Um fato que conserva esse discurso da participante é quando ela cita um caso de seu conhecimento: “*Como eu vejo uma mulher ali, que ela é cega, aleijada ainda, que não caminha, anda só na cadeira de roda*.”. Reparemos que a caracterização que a senhora utiliza se delimita apenas somente nas capacidades físicas da mulher, afirmando que, pelo fato dela não ver e nem caminhar, literalmente, impossibilita dela ter uma vida e ter condições de fazer aquilo que suas capacidades lhe permitem fazer. Além das expressões que se destacam nessa frase, a fala da participante tem muitos aspectos capacitistas.

No penúltimo trecho sublinhado, existe a manifestação de Deus, a partir de um questionamento, “*meu deus, se essa mulher caminhasse ou enxergasse, era bom, né?*”, como forma de dizer que a deficiência fosse o oposto de bom, ou como qualquer pessoa que tivesse deficiência não fosse boa. Guérios (1979, p. 138) coloca a presença de Deus como em resposta “*a crença de que as enfermidades e os defeitos físicos são estigmatizados por Deus, como castigos, crença que, afinal, se baseia no Antigo Testamento*.”, e que, somente por Ele pode vir a esperança da cura para pessoas assim.

Por fim, há a presença de um discurso conservador, quando a senhora coloca que a filha é que deveria ter o direito de cuidar da mãe e não o filho, “*os filhos/ digo à filha, que tem a mãe assim, daquele jeito que aquela mulher ali, e não cuida dela, eu vou dizer que é uma tristeza, né? Pra deixar que o filho homem que cuida, já tá rapaz, aí fica...acho que ele quer sair uma hora, a mãe chama “meu filho me leva no banheiro pra banhar, me leva ali no vaso, né?”*”, uma marca bem comum aos discursos constitutivos da década de 50 e, não tão ausentes da atualidade. Esses enunciados evidenciam mais uma vez que os tabus são estruturas das culturas e que se perpassam pela a história.

Participante idoso, masculino, 53 anos, E.M. completo

2. Você acha que a sociedade está preparada para adaptação desse público?

P: [...] porque oh, não tem um ônibus adequado, não tem uma van adequada para levar eles, tudo isso, a gente sente falta, né? Porque cê sabe, né, nós que somos bonzinhos, graças a Deus! Nós temos dificuldade quando a gente leva uma pancada na perna, no braço a gente sente é muito e pra quem não tem, né? Vivi pela mão dos outros, é difícil, né?.

A questão a que estamos analisando a resposta era voltada para a temática sobre pessoas com deficiência física. A partir da pergunta, o participante demonstrou discursos que se apresentaram na fala da participante anterior. O que nos revela que mesmo com escolaridade ou não, as concepções discursivas construídas pelos participantes tendem a carregar os discursos do contexto social em que se viveu, de forma a influenciar na construção ideológica das pessoas que tem mais idade.

Podemos observar, na resposta do homem, uma antífrase, que para Guérios (1979, p. 14) é uma “expressão é aparentemente laudatória, pois lhe dá uma idéia contrária; é a antífrase ou ironia.”. Isto é, as expressões tendem a carregar um sentido oposto àquele que está implícito na palavra, como é o caso que acontece quando o participante diz “nós que *somos bonzinhos, graças a Deus!*”. Por fim, “Vivi pela mão dos outros,” que revela o discurso que é bem recorrente na fala dos participantes idosos, o de incapacidade, dependente.

Participante idosa, feminina, 70 anos, sem escolaridade

1. Em seu ponto de vista, o que você acha de pessoas que nascem com alterações no seu desenvolvimento cerebral, fazendo com que tenha dificuldades em realizar atividades básicas de sua vida?

P: Minha fia a vida é meia pesada, viu... é preciso... não é remédio da farmácia que vai normalizar o juízo... é do mato. [...]

((a participante fala a receita para se fazer a garrada, que dizendo ela, irá normalizar o juízo))

Se quiser fazer dois litros faz, com aquela mesma produção que eu tô te ensinando... e se não quiser... fica acumulando a água, viu, um pouco de água congelada e um com água natural, experimenta, vai normalizando o juízo, é no juízo, é no cérebro da gente, porque é do tamanho do caroço de arroz ... e se desmanchar a pessoa fica doido. [...] Não precisa beber não, viu, só pra lavar a cabeça aqui do pescoço. [...] Quem me ensinou isso daqui foi minha vó, a minha avó! Eu que lutava com ela e ela me ensinava os remédios tudinho, viu. [...]

2. A sociedade está preparada para adaptação dessas pessoas?

Ei, não, vai ficar normal do jeitinho de nós, andando só. [[a gente ver que tem muitas pessoas com dificuldades em nossa sociedade...]] ei, mas tu sabe por que? ... por que não se cuida. Não se cuida. [...] Deus é só um, Deus é só um, viu? [[a senhora acha que pessoas que nascem com essas alterações é coisa ruim]] é ruim porque é no juízo, mas né ninguém que bota não, é que já nasce mesmo com problema.

7. Hoje existem profissionais especializados que atendem este público tanto na área da saúde, como na área da educação. Por que você acha que essas pessoas devem ter esse tipo de acompanhamento?

P: Agora, agora só que também a gente colocar o menino na associação... assim como tu tá fazendo aí, viu, de lápis, caneta... sabe por que? Por que aí depende mais do juízo... [[pra ele escrever igual estou fazendo aqui?]] é:: sim, sair pra estudar... aí qualquer maneira que a gente tem de, se por acaso, quando crescer e querer ir pro colégio/ oh, por que tu sabe quem é aquele meninozinho da L***a, num sabe? Aquele dali, ele não podia estudar... [[que L***a? não lembro.]] ali, nesse bairro aqui, que eu moro, que ele anda assim com o pezinho assim pra riba. Aquele ali a gente não pode colocar todo dia ele no colégio, por que oh ((a senhora coloca o dedo na cabeça, para indicar o juízo)), Aí vai certo pro cérebro dele e aí ele fica mais arreliado. Ele tem de fazer o nomezinho dele, viu? Aprender escrever o nome dele e parar, por que foi assim que o médico disse pra mim, que a pessoa que tem aqueles problemas que dar... ((joga as mãos para baixo, dando a ideia que a pessoa cai)). Aquele menino é vivo por Deus e por mim, viu? Não fosse por Deus e por mim era vivo, não tava aqui nessa terra. Eu fiz remédio pra ele, aí ele ficou aleijado, mas... a mãe dele tem pouco cuidado, ele não era pra tá indo lá pra perto do cemitério estudar todo dia, todo dia, aquilo ali é pressão forte que dar no juízo dele... ele dá até de pegar nas coisas alheia, esconder. Dá, dá... por que o juízo dele oh... naquele momento quando ele tá estudando tudo bem, quando ele sai dali ele fica oh ((se levanta e vai até a mesma pegar um objeto e esconde na roupa)). [...]

9. Quais tipos de termos/nomes desrespeitosos ou preconceituosos, você já ouviu de outras pessoas ao se referir a este público?

P: [...] Tem o Gabriel, que é arreliado assim da cabeça [[é o Gabriel da S***a?]] é, é... o Gabrielzinho, batoré que chamo ele de jabuti da Xuxa, parece com o jabute da Xuxa, o da televisão, até o caminhar dele ciscando assim, é ele puro. [...]

Fonte: autoral, 2025

Interessante observar a fala dessa senhora de 70 anos, pois em nenhum momento ela cita um termo mais formal, somente expressões genéricas. Além de ter um discurso sincretismo

religioso ¹⁰ que sobressai durante toda a entrevista. Aqui foi colocado as quatro perguntas que ela mais dialogou e falou os termos, como forma de comprovar que nenhum momento ela diz “deficiência” ou qualquer outra expressão técnica assim. Parece que esses termos mais atuais não fazem parte do vocabulário da idosa, mesmo considerando que ela não teve acesso à escola e, isto deve ter sido um dos fatores que responde à questão dessa ausência de palavras.

A idosa conseguiu associar os termos “alterações cerebrais” à mente, coisa que alguns idosos tiveram mais dificuldade. Como citado no tópico anterior (fatores extralinguísticos), a senhora apresenta conhecimentos religiosos, a qual deposita seus conhecimentos na fé, dando resposta para tudo com base religiosa. Com isso, compreendemos, nesse primeiro momento, o fato de o processo de enunciação ser embasado por completo nesse assunto mais místico e no sobrenatural.

As denominações utilizadas pela senhora revelam sua linguagem, como muitas características do contexto ao qual cresceu. Esses recursos linguísticos que se apresentam não são uma forma de contorno que a idosa busca fazer, como ocorreu na categoria dos jovens, mas é o retrato real da língua, com poucas formalidades e sem rebuscamento que faz parte de seu repertório linguístico. Além das expressões linguísticas serem ditas sem nenhum receio, sem medo ou proibição, apenas foram enunciadas com sinceridade e consciência que aquilo era o que acreditava.

Desse modo, analisando as expressões recorrentes em seu discurso, vemos as unidades lexicais utilizadas pela participante são de maior extensão explicativa, pois para se compreender o sentido embricado, precisa-se associar o contexto que a palavra foi enunciada. Dessa maneira, o vocábulo “normal” é tomado para dizer que o “*juízo vai normalizar*”, por meio de banhos caseiros. Nessas expressões, percebemos o eufemismo que é aplicado ao “*juízo*” para se referir aos problemas mentais que uma pessoa tem, como carrega o discurso da anormalidade, bem recorrente na sociedade moderna.

Além do mais, temos uma derivação para a expressão “*juízo*”, acrescentando “*cérebro*”. Nessa frase que essa expressão aparece, ela explica: “é no cérebro da gente, por que é do tamanho do caroço de arroz ... e se desmanchar a pessoa fica doido.”, ou seja, acredita-se que há algo dentro do cérebro que se sofrer algum dano a pessoa fica “*doida*”. A relação de um alimento com algo dentro do cérebro humano, comum das tradições mais antigas, associar objetos inanimados como personificação de um ser real, faz com que isso se recaia nos dizeres

¹⁰ Bezerra, J. O sincretismo religioso é a mistura de uma ou mais crenças religiosas em uma única doutrina. Este modelo de sincretismo, assim como o cultural, nasce a partir do contato direto ou indireto entre pessoas com crenças distintas. Significado. Disponível: <https://www.significados.com.br/sincretismo/>

dos mais velhos, principalmente. Seja por falta de conhecimento do assunto, por isso retomam objetos/coisas de seu redor para explicar certas situações, como é o caso da idosa, ou por que fazem parte dos costumes culturais e religiosos dessa associação como forma de não dizer diretamente aquilo que pareça inconveniente.

E quando a participante afirma que essas experiências que têm foram frutos dos ensinamentos da vó, percebemos que há marcas léxicas e históricas que repassaram de geração por geração que formaram esse discurso. Segundo Guérios (1979) aponta para a questão de tabus em nomes de parentes, a participante, se dirigiu tanto a sua “*avó*”, como sua “*mãe*” (que não foi transcrito, mas há a expressão em sua fala) por estas designações e não pelos nomes, como forma de respeito a figura representativa que tiveram. O autor afirma isto ao dizer que “Muitas interdições desta natureza são de caráter moral e sentimental, isto é, evitam-se as designações de parentela por temor ao incesto, e, em presença de estranhos, para não dar mostra de qual quer efeminação, ou para não melindrar o presumível recato dos circunstantes com expressões de carinho, dotadas de grande emotividade.” (p.32)

Diante do exposto e dos demais termos e posições que seu discurso toma em respostas as perguntas realizadas, verificamos muitas manifestações tabus, seja pelo uso da língua, com expressões depreciativas, como pelo comportamento apresentado pela idosa. Tabu não são apenas palavras, como aponta Guérios (1979), mas são comportamentos, ações que requerem um posicionamento, mas este, são a todo custo contornado ou rejeitado. Na última pergunta feita a idosa, há a presença de muitas interpretações realizadas a partir de seus movimentos corporais como, “aquele ali a gente não pode colocar todo dia ele no colégio, por que oh ((a senhora coloca o dedo na cabeça, para indicar o juízo)),” “por que foi assim que o médico disse pra mim, que a pessoa que tem aqueles problemas que dar... ((joga as mãos para baixo, dando a ideia que a pessoa cai)),” como considera que uma pessoa com deficiência intelectual que fica muito tempo na escola tende a roubar, “ele dá até de pegar nas coisas alheia, esconder. Dá, dá... por que o juízo dele oh..((gira o dedo entorno da cabeça)), naquele momento quando ele tá estudando tudo bem, quando ele sai dali ele fica oh ((se levanta e vai até a mesma pegar um objeto e esconde na roupa)).”

Para último exemplo, como soma dos quantitativos dos participantes desta categoria ser justa com a categoria anterior, será apresentado, mas algumas manifestações discursivas que carregam estigmas e tabus sobre a pessoa com deficiência.

Participante mais velho, masculino, 56 anos, educação infantil

1. Como você acha que é a vida de pessoas que nascem com o diagnóstico de perdas dos movimentos corporais, fazendo com que tenha delimitações motoras?

P: Pessoa que nasce assim? ((silêncio)). Muito difícil, muito difícil.

3. O que você acha sobre as dificuldades enfrentadas por esse público no quesito de acessar serviços básicos, como saúde e transporte? (o senhor acha que eles enfrentam muitas dificuldades?)

P: sobre esses problemas, é? ((silêncio)). Não sei... não sei, por que tem lugar que é prioridade, né. Tem muito lugar que esse povo tem prioridade. ((silêncio)) Acho que nem sei responder isso daí.

4. O senhor conhece/conheceu alguém que é assim? (pergunta acrescentada no momento da conversa)

P: Deficiente? ... conheço, aqui ou aculá a gente ver um bucado de gente sofrendo disso aí.

10. E você, quais termos/nomes se utiliza ao se referir a essas pessoas? (que características o senhor dar pra essas pessoas?)

P: o defeito dele?...deficiente; dependente dos outros e especial.

Fonte: autoral, 2025

Essa amostra de alguns trechos que o participante realmente começou a falar, demonstra como houve uma retração por parte. Podemos imaginar que tenha sido pela falta de conhecimento do assunto, ou porque não se sentiu confortável em dialogar com a entrevistadora, sendo uma mulher. Notamos que as mulheres, mesmo com o receio do assunto, se posicionaram de uma forma a manter a interação, considerando que mulheres com mulheres tem mais aquele conforto de falarem. Enquanto os homens, nem todos, mas os que se mantiveram numa posição de restrição enunciativa, ficaram subtendido que seja por umas das duas hipóteses descritas acima.

Apesar das retrações, pode-se extrair do pouco diálogo, algumas manifestações como a questão do silêncio, que em boa parte se manteve, como também a recusa em dizer a deficiência e recorria a negações ou substituições dos termos como em “problema”, “gente”, “povo” para tenta evitar dizer aquilo que, possivelmente, não sabia ou que não gostaria dizer. Ao ser questionado se conhecia alguém com deficiência, coloca a concepção que deficiência é algo de ruim, de doente, “aqui ou aculá a gente ver um bucado de gente sofrendo disso aí”.

No discurso, existe marcas ainda da concepção do *deformado*, quando indaga se era pra ele falar do “defeito” da pessoa com deficiência, ou seja, a falar sobre como se referência a PCD, no entanto se tomarmos a perspectiva do vocábulo e o sentido contido, verificaremos que indica um defeito físico a alguma parte do corpo da pessoa. Essa marca característica dos membros do corpo humano foram vistas com frequência nos demais discursos dos participantes

que não foram possíveis serem analisados, como “perninha fina”, “perna torta”, “perna mole”, “sem braço”, “mãozinha aleijada”, etc.

Além do mais, o discurso de capacitismo prevaleceu, principalmente, na categoria de pessoas idosas como foi observado nos quatros participantes analisados, mas também se manifestou nos demais. Essa ideia reforça que a imagem da PCD, como alguém dependente dos outros, limitando-a de ser capaz de realizar qualquer atividade sozinha, ainda é recorrente na sociedade, mas se categoriza principalmente as pessoas de ideais morais conservadores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto até aqui, foi possível verificamos a perspectiva de que a língua, enquanto sistema linguístico que possibilita a comunicação e os registros de uma história, se constitui, para além de elementos linguísticos, de elementos ideológicos formados a partir de um conjunto de convenções sociais que demarcam cada tempo da formação de uma sociedade.

Nesse viés, esta pesquisa teve por finalidade verificar as mudanças ocorridas no acervo linguístico entre duas categorias de pessoas, jovens e adultos mais velhos, com o propósito de buscar observar as manifestações tabus a respeito da Pessoa com Deficiência. Os resultados mostraram uma diversidade no modo como algumas concepções que os participantes expressaram na entrevista, deixando transparecer, em seus discursos, um conjunto de crenças sobre as pessoas com deficiências que encontram guarida em outros momentos históricos, além do atual, em que há uma intensa discussão sobre o acesso e a inclusão.

Um dos resultados alcançados a partir da pesquisa é que a imagem da PCD se apresentou nos discursos dos jovens de forma que estivesse mais relacionada com os discursos atuais sobre a deficiência. Os jovens participantes desta pesquisa demonstravam uma preocupação com o modo como se expressariam sobre o assunto, pois tinham por conhecimento que a maneira como se posicionariam em seus discursos, tinha uma interligação com a imagem social que apresentariam, conforme postulou Goffman (1967). No entanto, a preocupação como que se diz algo não dura tanto tempo, pois o inconsciente uma hora ou outra se manifesta na linguagem, retomando as concepções culturais que esse sujeito é exposto e revelando as ideologias que crê, a partir das palavras que vão sendo selecionadas dentro do contexto comunicacional que se exige esta posição do sujeito.

Além desses atos verbais, existe os atos não verbais que também se apresentaram nessa esfera comunicativa entre o participante, a entrevistadora e o objeto de estudo, os quais revelaram manifestações gestuais, em certos momentos, expressões faciais de intimidação e desconforto, como a presença do comportamento devido ao contexto de formalidade que acreditavam ser necessário. Todos estes aspectos, influenciaram na forma como o sujeito se demonstrou cauteloso em sua linguagem, mas também, deixou escapar expressões pejorativas e concepções estigmatizadas que revelam uma consciência oculta sobre as PCD.

A ideia de “normal” transpareceu em seus discursos, designando que um sujeito com deficiência não tem essa percepção de normalidade, pelo fato de apresentar comportamentos ou partes do corpo que não se viabilizem aos próprios de alguém que não tem deficiência.

Por fim, expressões depreciativas também foram utilizados, além de termos técnicos e genéricos que fazem referência às pessoas com deficiência, o que indica um tabu. É necessário também destacar, no entanto, que foi notória a diminuição de expressões do passado tendo em vista que os jovens parecem apresentar maior consciência com relação às pessoas com deficiência, criando um contexto de tabu e de proibição, o que não foi observado na fala dos idosos e dos com menor tempo de escolaridade.

A perspectiva do discurso religioso, da deformação, da ideia do bom/ruim e do capacitismo estiveram mais presentes nas falas das pessoas mais velhas, apresentando um discurso constituído por ideologias mais enraizada e conservadora dos discursos das sociedades mais arcaicas, enquanto os jovens, mesmo manifestando outra concepção, não expressaram estas concepções, o que pode apontar para um futuro em que ideias excludentes encontrem mais resistência na sociedade.

A categoria de idosos, principalmente os sem escolaridade, não apresentou as expressões que os jovens utilizaram, apenas termos de natureza mais antigas e pejorativas. Expressões como “juízo”, “coxo”, “aleijado” entre outros são usadas com outras expressões e de forma direta. Já os jovens, como mencionado anteriormente, usaram expressões com uma estruturação diferente, mas com uma bagagem de sentido igual a das pessoas mais velhas, principalmente nas expressões relacionadas a mente e ao comportamento.

Assim, percebemos que mesmo com as mudanças, ainda encontramos resiliência para se falar sobre deficiência. Pois, falar de algo que, em sociedades passadas foi segregado e marginalizado por suas delimitações, torna um assunto delicado para muitos atualmente, simplesmente, porque sentem que os discursos daquela era está impregnado na imagem da deficiência, e desfazer essa associação ainda é a grande problemática da sociedade.

Considera-se que este estudo foi uma contribuição para se compreender os estudos lexicais, pelo prisma da diacronia, com o propósito de olhar para os significados atribuídos a pessoa com deficiência nesse percurso histórico. E notando que a partir dos dados analisados, podemos perceber mudanças, mas não tão significativas, pois mesmo com uma concepção discursiva mudada, ainda encontramos tabus em relação as expressões que a população tem para se designar alguém com deficiência.

Guérios (1979) pontua que uma palavra não se separa daquilo que foi destinado, ou seja, a palavra pode sofrer alterações em sua estrutura, mas o significado que se é atribuído a esta, pode ser o mesmo que foi constituído no passado. A contribuição deste estudo está relacionada a uma discussão sobre a importância da inclusão e chama a atenção para o uso de discursos

capacitistas e preconceituosos na sociedade, aspecto que tem sido alvo de várias discussões na sociedade, discussões criadas tanto pela população quanto pelas autoridades políticas e sociais de um modo geral. O trabalho também busca contribuir com os estudos sobre o tabu linguístico, mostrando as muitas formas de manifestações tabuísticas presentes na nossa sociedade. Espera-se, ainda, contribuir com a descrição dos mecanismos sociais e ideológicos presentes nas muitas manifestações de tabu, seja ele religiosos, comportamental ou de qualquer outra natureza.

7. REFERÊNCIAS

ALINA, V.; SILVESTRE, J.P. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. – (coleção de linguística). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

AMENDOEIRA, F. R. **Tabus linguísticos e o surgimento de eufemismos na fala-em interação em língua portuguesa como L1 e L2**. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras/ Belo Horizonte, 2021.

ARBREX, D. **Holocausto Brasileiro, genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BBC, News. **Por que o Brasil tem a população mais depressiva da América Latina**. G1, 06 de Nov. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/11/06/por-que-o-brasil-tem-a-populacao-mais-depressiva-da-america-latina.ghtml>. Acesso em: 31 de jan. de 2025.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal: Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins fontes, 1997. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B3GQrRvm4KXObDFVQUVSOGdkWTQ/view?resourcekey=0-wEHc14l-aFBz3lo8_7GHBg. Acesso em: 27 de maio 2024.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem: **Marxismo e filosofia da linguagem**. Org. RIBEIRO, H. Biblioteca digital – HUCITEC, 12ª ed., 2006. Disponível em: [*Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf](#). Acesso em: 17 de maio de 2024.

BARONAS, R. L.; TONELLI, F. apud BUBNOVA, T. **Voz, sentido e diálogo em Bakhtin/Voice, sense and dialogue on Bakhtin**. Scielo Brasil – Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso. São Paulo, 2011, p. 269- 279. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732011000200016>. Acesso em: 22 de maio 2024.

BRASIL. Ministério dos direitos humanos e cidadania. Estatísticas - **O Brasil tem cerca de 18,9 milhões de pessoas com deficiência**. [Brasília]: Ministério dos direitos humanos e cidadania, 15 set. de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-com-deficiencia/estatisticas>. Acesso em: 19 nov. de 2024.

BRAIT, B. Bakhtin, dialogismo e construção do sentido: **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem**. Unicamp, 2ª ed., 2014. Disponível em: [*Bakhtin e a natureza dialogica da linguagem.pdf](#) . Acesso em: 20 de maio de 2024.

BERNARDES, G. [FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.]. 2007. p. 247-250. Disponível em: [*admin,+secv7n2_10.pdf](#). Acesso em: 03 de fev. 2025.

BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. – São Paulo: Editora Unesp, 2021.

COSTA, R.P. **Rendas, redes e lendas: o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão**. 2016, 384 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

DANTAS, W. A relação orientador-orientando em um mestrado profissional de formação docente: uma investigação à luz das ideias do Círculo de Bakhtin: **As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin: (re)significando alguns conceitos, (re)visitando a literatura**. Revista Linguística Rio, v. 8, n.1, mar.-jun. 2022, p. 107-139. Disponível em: <https://linguisticario.letas.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/asideiaslinguisticasdocirculo.pdf> . Acesso em: 17 de maio de 2024.

FERNANDES, N. **O que é capacitismo? Entenda debate nas redes após Vinicius ser chamado de 'cotinho' no 'BBB 24'**. G1, 09 de Jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/01/09/o-que-e-capacitismo-entenda-debate-nas-redes-apos-vinicius-ser-chamado-de-cotinho-no-bbb-24.ghtml>. Acesso em: 03 fev. 2025.

FILHO, U. C; TORGA, V. L. M. Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: **compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. Anais do Congresso Nacional de Estudos Linguísticos – CONEL, Vitória-ES, 2011, p. 01- 04. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/conel/article/view/2014> . Acesso em: 20 de maio de 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 6ª reimpr. – São Paulo: Atlas, 2014.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada**. [trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. -4.ed, [reimpr.]. -Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Curitiba]; Ed. Da Universidade Federal do Paraná, 1979.

LIMA, M. P. **Noções básicas de conceitos em Bakhtin**. UNIFESSPA, 2018. Disponível em: https://epg.unifesspa.edu.br/images/Artigos/EPG_2018/Milton-Pereira-Lima.pdf . Acesso em: 24 maio de 2024.

LOUZADA, J. **Autismo através dos séculos: uma análise histórica do desenvolvimento deste transtorno e seu impacto na sociedade**. Revista Tópicos, v. 2, n. 11, 2024. ISSN: 2965-6672. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/autismo-atraves-dos-seculos-uma-analise-historica-do-desenvolvimento-deste-transtorno-e-seu-impacto-na-sociedade>. Acesso em: 28 de jan. 2025.

MACEDO, W. K. L. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua e linguagem: **Bakhtin: seu olhar sobre a linguagem**. I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras - III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura - VII Encontro Local do PROLER - UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009, p. 01-06. Disponível: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf . Acesso em: 20 de maio de 2024.

MIATO, B. **Brasil tem 18,6% milhões de pessoas com deficiência, cerca de 8,9% da população, segundo IBGE**. G1, 07 de jul. de 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/07/07/brasil-tem-186-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-cerca-de-89percent-da-populacao-segundo-ibge.ghtml>. Acesso em: 31 de jan. 2025.

MUSSALIM, F; BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9ª ed. v. 1. rev – São Paulo: Cortez, 2012.

NECKEL, M. Os documentos oficiais que normatizam a formação de professores: uma análise discursivo-dialógica: Apontamentos teóricos e metodológicos: um olhar.: **O caráter dialógico da linguagem.: A teoria da enunciação**. Library, 2019. Disponível em: <https://library.org/article/a-teoria-da-enuncia%C3%A7%C3%A3o-o-car%C3%A1ter-dial%C3%B3gico-linguagem.qvj8pj0q> . Acesso em: 20 de maio de 2024.

NICÉAS, S. **De raízes indígenas e influência africana, benzedeiras e rezadeiras simbolizam o sincretismo brasileiro religioso**. Aventura nas histórias, publ. Out. 2024. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/da-minha-avo-lourdes-alencar-benzedeiras-que-mudam-realidade.phtml>. Acesso em: 05 de jan. 2025.

OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

ORSI, V. **Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras?**. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Org.). **Ciências da Linguagem: O fazer científico?**. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 163-178.

PICCOLO, MG. M. **O lugar da pessoa com deficiência na história: uma narrativa ao avesso da lógica ordinária**. 1º ed. – Curitiba: Appris, 2022.

PIRES, V. L. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. Organon, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. DOI: 10.22456/2238-8915.29782. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782> . Acesso em: 20 maio. 2024.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**. Trad. Sabrina Pereira de Abreu. – São Paulo: Contexto, 2018.

RODRIGUES, Ana Paula; LIMA, Cláudia Araújo de. A história da pessoa com deficiência e da educação especial em tempos de inclusão. **Revista Interterritórios**, v.3, n.5, p. 21-33, 2017.

SAPUTRI, Y. **Por que os tabus ainda são usados?**. Seven: publicações acadêmicas. cap. 80. s/a. Disponível em: <file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/interdiinovationscresce-080+pt.br.pdf>. Acesso em: 03 de fev. 2025.

SANTOS, A. C. **Linguagem e construção de sentido: o dialogismo como característica base da interação verbal**. Revista Odisseia, [S. l.], n. 15, p. p. 18–30, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/9585> . Acesso em: 21 maio. 2024.

SOUSA, S. **O silenciamento discursivo da pessoa com deficiência física: um olhar para duas escolas públicas de Garanhuns (PE)**. Repositório Institucional – UFRPE. 26 jul. de 2019. Disponível em: [DSpace da UFRPE: O silenciamento discursivo da pessoa com deficiência física: um olhar para duas escolas públicas de Garanhuns \(PE\)](DSpace da UFRPE: O silenciamento discursivo da pessoa com deficiência física: um olhar para duas escolas públicas de Garanhuns (PE)). Acesso em: 22 maio de 2024.

VILLALVA, A; SILVESTRE, J.P. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português.** – (coleção de linguística). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

XAVIER, C. **A linguagem tabu em contexto: um estudo exploratório da linguagem tabu do ponto de vista das variáveis do registro.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada. v. 21, n. 1. ULisboa: 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/stzJTzMv9MHLVtMFZqVvjtg/> . Acesso em: 27 de maio 2024.